

Blink

N. 02
Ano 2024

A revista da Educação não Formal

Internacional

Ucrânia: educar
debaixo de fogo

Reportagem

Ubuntu: uma filosofia
ou um programa de
Educação não Formal?

Opinião

“Mas, afinal, o que é a
Educação não Formal?”
Luís Rothes

Catarina Furtado

Let's do it

GRANDE ENTREVISTA



DIRETOR

Luis Alves

EDITOR

Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto
e Corpo Europeu de Solidariedade

IMPRESSÃO

Jaime & Barbosa, Lda.
Offset & Digital, Print Solutions

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Melo
Olívia Silva
Dina Soeiro
Sofia Marques da Silva
João Queirós
Vitor Dias
Paula Guimarães
Óscar Brandão
Luís Rothes
Rui Marques
Marcelino Lopes
Jo Claeys
José Bravo Nico
Carlos Ribeiro

Textos e Fotografias:

Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto
e Corpo Europeu de Solidariedade.
Carla Pires (Grande Entrevista)
Instituto Padre António Vieira (Ubuntu)

Cronistas convidados:

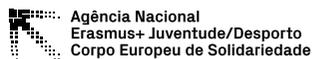
Luis Rothes, Gil Nunes, Ana Moutas

Ilustrações das crónicas de opinião:

Pedro Sousa Pereira

Alguns autores escrevem de acordo com a
antiga ortografia.

Depósito Legal:



Agência Nacional
Erasmus+ Juventude/Desporto
Corpo Europeu de Solidariedade

Blink - A revista da Educação não Formal
Número 2 - Abril de 2024

Todos os direitos reservados.
Copyright 2024: Erasmus+ J/D e CES

SEDE BRAGA
Forum Braga,
Av. Dr. Francisco Pires Gonçalves
4715-558 Braga, Portugal
t. [+351] 253 144 450
e. erasmusmais@juventude.pt

LISBOA
Rua Rodrigo da Fonseca, 55
1250-190 Lisboa, Portugal



Editorial

Luís Alves

Dizem habitualmente os músicos que os segundos álbuns são sempre mais difíceis. As expectativas de crescimento, inovação e consistência criam, simultaneamente, a pressão e a oportunidade de afirmarem uma identidade musical.

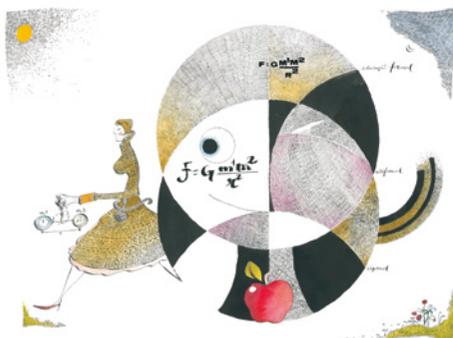
Com as devidas diferenças, também a Blink procura afirmar, neste segundo número, a sua identidade editorial. Mantendo a estrutura, quisemos enfatizar a marca da diversidade e pluralidade da revista, bem como a sua natureza não sectária, contrária à sua criação em circuito fechado, dirigida a públicos amplos, rompendo bolhas de auto-isolamento que retraem a capacidade de desenvolvimento e reconhecimento colectivo da Educação não Formal.

É no quadro destes objectivos que devem ser interpretadas a variedade de vozes, perspectivas e temas impressos nestas páginas. Exercícios provocativos, ensaios reflexivos, exemplos inspiradores e histórias que marcam vidas e o Mundo, são oportunidades para o contacto, descoberta, aprofundamento, ou novas ponderações sobre os contextos e eventos que conformam os nossos percursos educativos e a nossa capacidade de nos cumprirmos.

“Mas, afinal, o que é a Educação não Formal?”, interroga interpelativamente o Luís Rothes. Esta mesma questão coloquei na grande entrevista à Catarina Furtado e, permanentemente, nos acompanhará como a marca de água deste projecto. Por agora, aqui ficam respostas e muitas mais novas interrogações a azul – “a cor não formal do Walter” – com a “filosofia Ubuntu”, com uma experiência “Psientífica” ou com o que “ouvi dizer”, “debaixo de fogo” com os Ucrânios.

Sumário

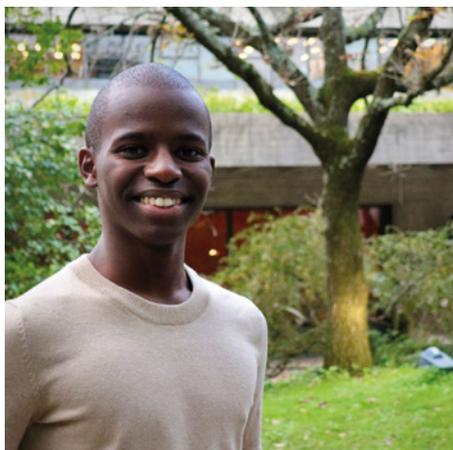
06



Opinião

O significado de Educação não Formal é tema da principal crónica de opinião deste número da Blink, onde se reflete sobre a dificuldade em definir este conceito com uma razoável precisão. O educador Luís Rothes é o autor.

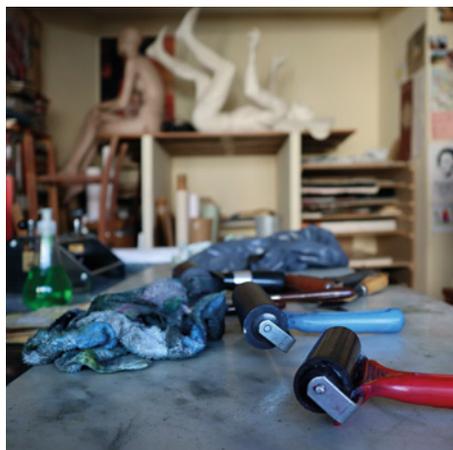
09



In & Out

Rodrigo e Ida Vogel são dois jovens que decidiram deixar Portugal e a Alemanha, respetivamente, durante algum tempo, para terem experiências de Educação não Formal que vão marcar as suas vidas.

10



A cor não Formal de Walter

Numa insuspeita rua do Porto, um brasileiro radicado em Portugal mergulha jovens e não só no seu mundo azul, onde, mais do que criar artistas, cultiva e equilibra almas e personalidades.

14



Grande Entrevista

Mais conhecida pelo seu trabalho televisivo, Catarina Furtado tem uma história para contar na defesa dos direitos humanos e na criação de uma ONG. Nesta edição foi entrevistada por Luís Alves, diretor da Blink.

24



Ouvi dizer...

Gil Nunes pode ser um jornalista, um escritor criativo, um comentador desportivo ou um promotor de políticas juvenis. Nesta edição da Blink assume o papel de cronista.

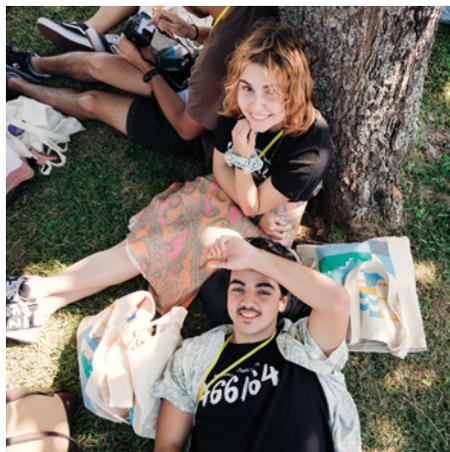
26



Internacional

Há uma Ucrânia que os telejornais não nos mostram e uma geração que não pode ser perdida e para quem a Educação não Formal pode ser parte da solução quando falta tudo e também a escola.

42



Reportagem

Ubuntu é uma academia de formação de formadores que parte de uma filosofia inspirada em personalidades como Mandela ou Luther King, mas é sobretudo um programa de Educação não Formal.

48



A Educação não Formal nos diversos contextos

Para Ana Moutas, o facto de a Educação não Formal ser moldável aos mais diversos contextos torna-a numa ferramenta poderosa no processo de aprendizagem dos seus beneficiários com resultados positivos.

Mas

Luís Rothes
Educador não Formal

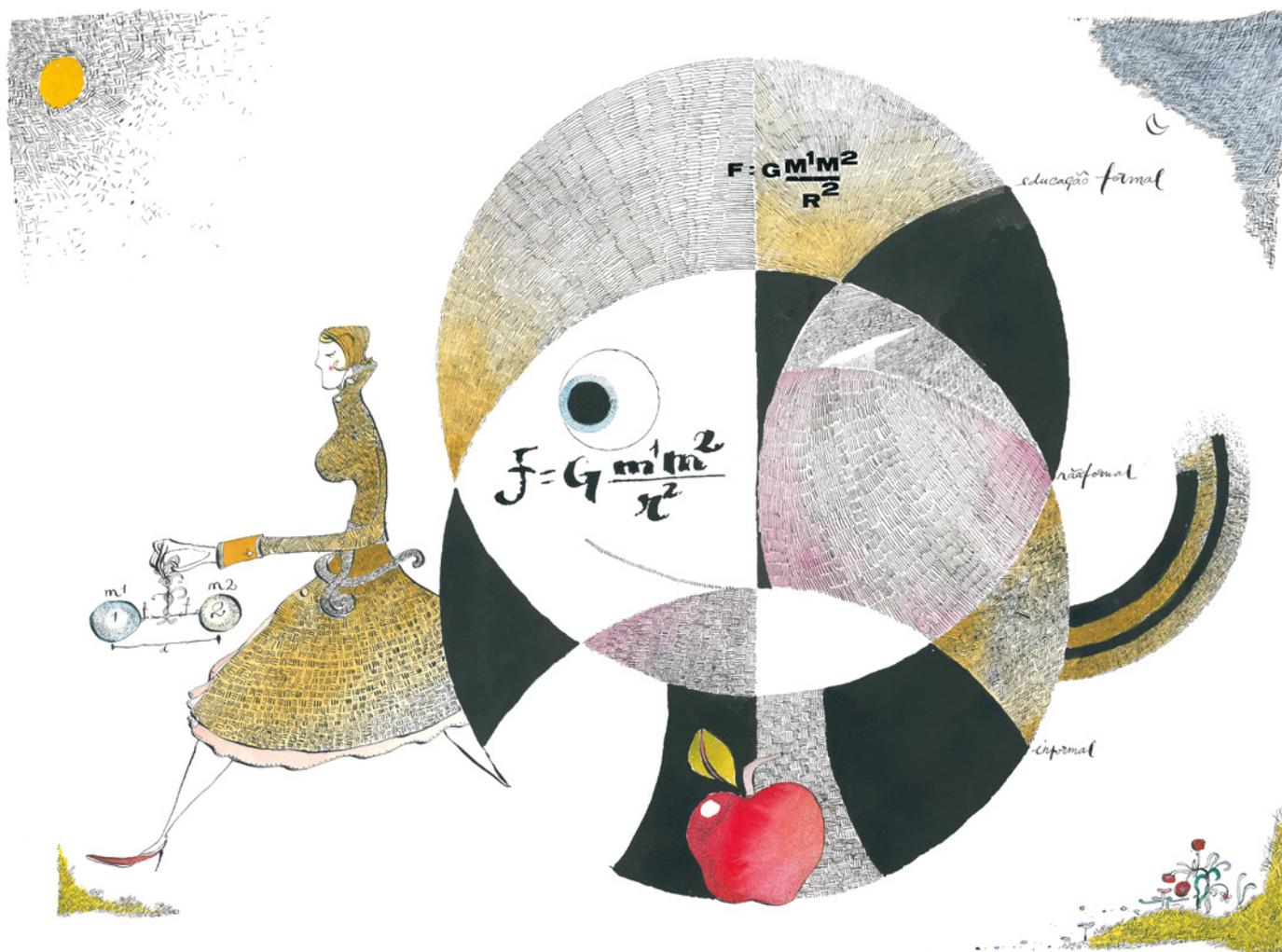
AFINAL, O QUE É A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL?

Enquanto educador, esta tem sido uma das questões que persistentemente me tem sido colocada.

Em geral, quem põe esta dúvida, sente que tem uma ideia sobre o significado deste conceito de Educação não Formal (ENF), mas afirma a dificuldade em definir este conceito com uma razoável precisão. Sendo a Blink assumidamente uma revista da ENF, valerá a pena aqui avançarmos com contributos para o esclarecimento deste conceito.

Talvez seja útil, para começar, recuar no tempo e recordar que, nas estruturas sociais tradicionais, era sobretudo no contexto familiar e de vizinhança que se operava o processo de socialização, permitindo não apenas as aprendizagens indispensáveis para o trabalho e a profissão mas, igualmente, o desenvolvimento de todas as competências imprescindíveis para a vida social, em que se cruzavam saberes e agilidades, disposições e princípios, aspirações e projetos. A formação era, então, eminentemente prática e realizada nos contextos em que a vida se desenrolava. A própria criação da escrita, há alguns milénios, em quase nada interferia nessa realidade: a posse de certos instrumentos formalizados de escrita e cálculo, apesar dos sinais de progressiva extensão, manteve-se reduzida a minorias limitadíssimas, que os adquiriam essencialmente numa relação mestre/aprendiz que pouco se distanciava da que marcava outras práticas artesanais.

Nos últimos dois séculos, contudo, o paradigma escolar passou a marcar profundamente a história da educação. Vale a pena sublinhar os traços fundamentais da forma escolar, que se desenvolve na Europa e se expande depois por todo o mundo. Ela é desde logo marcada por uma forma inédita de relação entre um “mestre” e o seu “aluno” e o mestre deixa de ser um artesão “transmitindo” saberes-fazer a um jovem. Ao tornar-se um espaço próprio para a aprendizagem e diferenciado dos outros locais onde se desenrola a vida social, a escola tende, por um lado, a desapossar os grupos sociais das suas competências e de algumas das suas tarefas socializadoras e, por outro, conduz a escola para formas próprias de se estruturar e desenvolver, com o trabalho escolar a realizar-se num tempo específico e demarcado, o tempo escolar, que passa a assumir-se como um período da vida da pessoa, com tempos próprios no ano e momentos próprios bem significativos na vida quotidiana.



Entretanto, nas últimas décadas, foi-se confirmando a insuficiência das respostas centradas naquele tipo de abordagem escolar, tendo vindo a evidenciar-se sinais claros de uma crise importante deste modelo escolar. Foram, por isso, consolidando-se alguns conceitos superadores de uma visão restrita ao escolar, que, não caindo numa dicotomia assente numa alternativa inconciliável entre escolar e não escolar, têm-se

revelado importantes para pensar a realidade atual e futura da educação. Os qualificativos de permanente, recorrente, formal, não formal e informal serviram, com efeito, para romper um monopólio que reclusa a educação no sistema escolar, tornando mais difícil o seu desenvolvimento.

Aqui, queremos destacar a importância que tem o conjunto de conceitos educação formal, não formal e informal. Este conjunto de conceitos foi fundamental para a consolidação de uma visão mais ampla da educação. Ele parte do reconhecimento de que é necessário considerar como educativas um leque alargado de práticas sociais. Só que, ao alargarmos o seu âmbito, o conceito de educativo torna-se necessariamente mais ambíguo, já que passa a referir-se a práticas com características muito diversas. Ora, com este conjunto de conceitos educação formal, não formal e informal, pretendeu-se exatamente uma classificação clarificadora dessas práticas educativas. Classificar é sempre clarificar. E classificar exige, sobretudo, ser claro na definição dos critérios em que assenta essa categorização. Neste caso, a classificação é construída a partir de dois critérios decisivos: a intencionalidade dessas práticas e a possibilidade de validação académica e/ou profissional das aprendizagens realizadas.

Educação formal designa as práticas e as instituições sociais com intencionalidade assumidamente educativa e permitindo a titulação académica e/ou profissional. Para apreciar o papel da escola há que considerar que esta instituição não é apenas um contexto de formação, mas que lhe cabe também um papel fundamental como instância reconhecida pelo Estado para a validação de saberes e a atribuição de diplomas escolares, que fazem parte de um sistema graduado de diplomas e que constituem, por isso, um recurso essencial de afirmação social. O conceito de aprendizagem informal sublinha a existência de dimensões educativas nas práticas sociais, mesmo que não seja assumida essa intencionalidade educativa. Já a ENF contempla as práticas sociais em que existe uma intencionalidade educativa assumida, mas que não se concretizam por processos escolares conducentes a uma titulação académica e/ou profissional. Estamos, pois, na ENF, perante o conjunto muito alargado de meios e de instituições que produzem efeitos educativos a partir de processos intencionais, metódicos e diferenciados, que assumem claramente propósito educativos, desenvolvidos por atores sociais cujo papel educativo está institucional ou socialmente reconhecido, mas que não formam parte do sistema educativo graduado validado pelo Estado.

“Já a Educação não Formal contempla as práticas sociais em que existe uma intencionalidade educativa assumida, mas que não se concretizam por processos escolares conducentes a uma titulação académica e/ou profissional”

No campo da ENF cabe pois um leque muito amplo de práticas educativas, com um enorme impacto na vida de todos nós, na concretização do direito à educação e na construção de sociedades mais justas e democráticas. Valorizar a ENF não significa, contudo, desvalorizar os modos formais e informais de aprendizagem. O desenvolvimento educativo passará, seguramente, por uma adequada articulação entre as diferentes modalidades que compõem a realidade heterogênea da educação. Hoje, como sempre, aprendemos informalmente, a Modernidade afirmou a escolarização e, na sociedade contemporânea, assistimos, precisamente, ao desenvolvimento e afirmação articulada das múltiplas formas de aprendizagem. É neste quadro que é fundamental reconhecer a importância da ENF e estimar os espaços, como o da revista Blink, em que, na diversidade das suas realidades, perspetivas e abordagens, ela pode ser divulgada, debatida e valorizada.

GENTE NADA FORMAL

No âmbito de programas Erasmus+, milhares de jovens partem à descoberta de outras culturas que representam importantes processos de Educação. De dentro para fora e de fora para dentro.



VOLUNTARIADO COM MIGRANTES NA NORUEGA

Rodrigo é português e aos 18 anos viajou pela Europa, usando um programa comunitário chamado DiscoverEU que lhe suportou os custos das deslocações. Em algumas semanas, visitou Noruega, Inglaterra, França, Mónaco e Malta. Embora a ideia da Comissão Europeia seja proporcionar a viagem de comboio, é possível dispor também de voos, sobretudo para países periféricos ou ultraperiféricos, como Malta. “Comecei por voar para Malta e de Malta para Oslo, onde estive envolvido em ações de voluntariado”, conta Rodrigo, que esteve no Mela Festivalen, um festival de música centrado na cultura trazida pelos migrantes que habitam a capital norueguesa. “Isso proporcionou-me o contacto com pessoas de muitos países, nomeadamente migrantes oriundos da Ásia”, conta. Esta experiência de trabalho voluntário, acabou por ser uma oportunidade de Educação não Formal para Rodrigo que assegura ter aprendido muito. “Desde logo aprendi sobre a Europa e sobre os cidadãos europeus e como temos tantas coisas em comum, apesar dos vários contrastes”, assegura o jovem lisboeta, para quem “o ambiente da Escandinávia pode ser diverso, mas a verdade é que percebi que a União Europeia é uma espécie de união de facto, o que me fez sentir em casa”.



APRENDER A VIDA ANTES DA UNIVERSIDADE

Ida Vogel é alemã e aos 19 anos mudou-se durante seis meses para Portugal, com o intuito de fazer voluntariado numa instituição que cuidasse de pessoas com deficiência profunda. “Deixei o meu país, os meus amigos e a minha família durante meio ano e isso representa uma grande mudança na minha vida, pois nunca tinha estado sozinha”, começa por explicar à Blink. “Basicamente eu queria fazer algo diferente, após a minha formação escolar. E queria estar um ano fora da Alemanha, sem estar formalmente a estudar. Portugal surgiu por causa do projeto incluir cuidados com pessoas com deficiência”. A jovem alemã refere-se à Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC), explicando que “queria estar com pessoas com quem aprendesse algo diferente e que a escola não me dava. Mas também porque quero estudar medicina e penso que este trabalho se relaciona, dando-me competências que serão uma vantagem quando estiver no ensino superior”. Ida explica que a vida em Coimbra é muito diferente da que tinha na Alemanha, mas que, “após algum tempo de adaptação e de conhecer as pessoas e me habituar à língua, fiz amigos e tudo ficou mais fácil”. E não está sozinha nesta aventura, pois, no âmbito do Corpo Europeu de Solidariedade, a instituição recebeu, com a alemã, outros jovens, de França e da Turquia.

AZUL. A COR NÃO FORMAL DE WALTER



Walter Almeida cruzou há quase 25 anos o Atlântico, desde o Brasil até Portugal, onde tem estado ligado a vários projetos de Educação Formal e não Formal. Sempre com as artes plásticas como pretexto e a intervenção social como contexto, recebeu a Blink na Casa Azul, um apartamento situado na malha urbana do Bonfim, no Porto, transformado em ateliê de arte por onde passam muitas crianças, sedentas de criação e que, por algumas horas, se afastam de ecrãs e redes sociais.

Com experiência na Educação Formal, nomeadamente como professor assistente na Universidade do Porto, depois de ter estudado desenho e técnicas de impressão numa licenciatura na Universidade Federal do Espírito Santo e num Mestrado na Universidade do Porto, nunca se desligou do Recife e do seu país de origem, onde mantém contacto com projetos semelhantes aos que desenvolve em Portugal, sobretudo na área da impressão.

Um desses projetos a que está ligado em Portugal é “O Bando dos Gambuzinos”, uma associação cultural que se ocupa, educando, sobretudo crianças em regime de educação doméstica e onde os vários tipos de arte, como a expressão corporal, são sempre valorizados. Walter ministra aí a disciplina de artes plásticas, uma atividade que fica a meio caminho entre a formalidade escolar e um método de Educação não Formal.

Outra Associação com quem colabora em Portugal é a “Qualificar para Incluir”, uma Associação de Solidariedade Social, com Utilidade Pública, reconhecida e protocolada com o Instituto de Segurança Social e que opera no Porto desde 2001.

A instituição tem como frente de intervenção a qualificação escolar e profissional de crianças, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade. A missão é capacitar as famílias para o acesso a empregos que protejam da falta de rendimentos, da instabilidade crónica dos meios de vida e da exclusão social. E aqui, mais uma vez, a arte de impressão e a expressão plástica é o meio que Walter usa para ajudar a Associação a atingir esses fins.

Mas entre os vários processos educativos e artísticos a que está ligado, a Casa Azul é um dos que melhor encaixa na definição de Educação não Formal. Este espaço, situado na freguesia do Bonfim, no Porto, existe há cerca de sete anos. “A Casa é mais recente do que um projeto anterior chamado Chapa Azul”, começa por explicar Walter, no meio das cores e dos livros que enchem todas as divisões do pequeno apartamento. “Trata-se de um projeto de intervenção em comunidade, através das técnicas de impressão, sobretudo ligadas à azulejaria, o que é algo que interessa muito ao público-alvo”, explica.





Este artista e formador não chegou ao tema da impressão em azulejo por acaso. Trata-se de uma área de estudo que investigou profundamente no meio académico e que aplica pelo país fora através de uma carrinha, a que chama unidade móvel. “Com a Chapa Azul eu vou onde as pessoas estiverem e precisarem e onde a intervenção social é necessária. A arte, as técnicas de impressão, são apenas a forma de chegar até elas”.

Mas como é que através da azulejaria e da expressão artística se pode fazer intervenção social quer com a Chapa Azul quer na Casa Azul? Walter explica que tenta sempre adaptar o seu discurso e a atividade ao contexto de cada comunidade e de cada pessoa que visita ou que o visitam. “Tento sempre valorizar os conhecimentos e as capacidades das pessoas que abordo e ter em conta as particularidades da condição em que vivem. Quando sou chamado para qualquer lugar, eu tento-me informar sobre as dificuldades, potencialidades e condições de vida daquelas pessoas e adapto a minha atividade àquele contexto específico”.

Ou seja, a atividade da Chapa Azul não é padronizada e usa uma das ferramentas mais importantes e poderosas da Educação não Formal e que a distingue de outras formas de ensino: a capacidade de partir das circunstâncias da pessoa para, só depois, definir o seu programa de intervenção. Para isso, Walter procura sempre valorizar aquilo que as pessoas já sabem fazer, ou seja, procura “ser um ponto de encontro entre as pessoas, um lugar de convívio, mas também de valorização, trabalhando o sentimento de pertença e valorizando o contexto social e cultural das pessoas com quem trabalha”.

Nem a unidade móvel nem a Casa Azul pretendem criar artistas. “Não tenho essa pretensão”, assume Walter Almeida. “Nem eu próprio me sinto artista, embora a minha formação académica seja essa. A minha preocupação aqui é exatamente que as pessoas consigam exprimir e expressar aquilo que elas gostam, da forma que elas consigam fazer. Não existe qualquer preocupação em transformá-las em artistas. Há uma valorização daquilo que gostam e da forma como o fazem, sem avaliações”, concretiza, explicando que fomenta uma “expressão muito livre, tentando aprimorar, mas sem cobranças”.

Apesar da escola não lhe ser nada estranha, para Walter Almeida, é na Educação não Formal que se podem desenvolver os projetos mais transformadores da vida das pessoas. “Sempre estive ligado à escola e ao mundo académico, que desempenham um papel muito importante na formação de pessoas. A Educação não Formal não as substitui, mas é uma forma muito mais compensadora de chegar às pessoas e de transformar as suas vidas, porque atende às circunstâncias pessoais e sociais em que vivem. Isso é muito compensador”, assegura.

“A minha preocupação aqui é exatamente que as pessoas consigam exprimir e expressar aquilo que elas gostam, da forma que elas consigam fazer”



GRANDE ENTREVISTA



QUANDO ME DIZEM QUE NÃO É POSSÍVEL EU DIGO

Entrevista
a Catarina Furtado

Let's do it

Quando foi convidada para falar sobre Educação não Formal, Catarina Furtado só pôs uma condição: que a entrevista decorresse na Corações Com Coroa, uma associação que criou e ajuda mulheres vulneráveis a ultrapassar problemas aparentemente impossíveis. A Embaixadora da Boa Vontade da ONU respondeu a todas as perguntas do diretor da Blink e não resistiu a tentar inverter papéis e ser ela também a questionar Luís Alves.



A Educação não Formal é a razão de ser deste projeto. É um conceito diverso. Como explicaria a um leitor o que é a Educação não Formal?

A minha resposta é dada com a convicção plena da experiência que tenho, enquanto mulher e cidadã, mas sobretudo com a experiência de viajar pelo mundo inteiro, a fazer documentários e como embaixadora das Nações Unidas. Não é, por isso, uma resposta técnica, mas sim empírica e que tem muito do que vejo no terreno. Para mim, a Educação não Formal é tudo aquilo que completa, molda, capacita o ser humano para conseguir viver em sociedade. Portanto é tudo aquilo que achamos que vem com a educação de casa e da escola, mas não vem. É tudo o que é mais invisível, mas não vem nos compêndios. Mas é, para mim, a grande solução para que as pessoas consigam viver com ferramentas para poder lidar com as emoções, mas também com a parte mais racional da vida em sociedade partilhada.

Teve um percurso formativo e educativo também muito diverso e plural, a escola a Educação Formal, a escola artística, o ensino do cinema e do teatro, a escola de jornalismo, o contexto familiar... esta diversidade de experiências e espaços educativos foi importante para a Catarina e explica muito do que é hoje?

Explica totalmente. Formei-me em dança, no Conservatório, depois fiz jornalismo, fiz teatro e cinema em Londres e, sim, tive múltiplas vertentes inspiradoras. Quem estudou dança ganha uma componente de disciplina muito grande, o que me ajudou muito a ser uma comunicadora disciplinada. A sensibilidade, emoções, empatia, tudo isso veio muito através da arte. Mas há algo que eu penso fazer muito parte da minha Educação não Formal: o voluntariado. O voluntariado deveria ser muito mais incentivado, não como forma de pôr no currículo, mas como forma de inculcar em si própria esse exercício. E para mim isso foi muito importante, porque isso permite-nos vermos as diferentes partes de nós mesmos. Partes onde eu naveguei e navego. Abri muitos dos meus poros com o voluntariado. Fez com que eu tenha tido uma noção muito mais clara do que queria e não queria. Só com o modelo formal da escola isso não fica claro. E eu tive essa possibilidade. Vou dar um exemplo: ao tentar combater a mutilação genital feminina num país como a Guiné-Bissau, não utilizo apenas aquilo que é conhecido do ponto de vista médico, mas vou com o que aprendi do teatro, da música, das emoções para chegar às pessoas.

“Eu nunca tive uma Educação Formal para ser o que sou”

Uma das etapas menos conhecidas do percurso da Catarina foram os primeiros passos na comunicação social. A Educação Formal foi suficiente?

Acho que essa é uma excelente pergunta. Mas acho que não. Mesmo. Para se ser jornalista – e eu não sou jornalista, pois nunca pedi a carteira de jornalista por opção e por achar incompatível com algumas atividades de apresentação que queria ter – é preciso ter curiosidade. Para se ter curiosidade é preciso ter vivências e isso não se aprende na Universidade, mas por um lado prático. E, por isso, temos de colocar a nossa cabeça e corpo em locais imprevisíveis e nos confrontarmos com as histórias das outras pessoas. Isso exige o despir de uma série de conceitos e preconceitos que vamos adquirindo.

O jornalismo é eventualmente uma das profissões onde é mais óbvia essa necessidade de uma cultura mais global...

Sem dúvida. É fundamental. Culturalmente, através daquilo que são os conceitos que vamos aprendendo, mas também em termos da nossa vivência. O jornalista é um denunciador. Tem de ser corajoso. Aprendi isso com o meu pai, a quem presto a minha homenagem. Arriscou muitas vezes para contar a verdade, embora existam muitas verdades. Mas penso que ele até nisso foi corajoso, por exemplo, quando contou a história da guerra colonial e conseguiu pôr as duas partes frente a frente para que o leitor, neste caso, o espectador pudesse tirar a sua ilação. É a mesma história contada por duas partes. Eu nunca perguntei ao meu pai: então o que acha? Nunca, porque a resposta dele está ali. E o jornalista é isso. E é preciso coragem. E a coragem ganha-se na Educação não Formal.

A Catarina é uma comunicadora. Ser comunicadora é uma competência inata, mas também se desenvolve. Dos vários espaços formativos ou profissionais que foi ocupando, quais é que contribuíram mais para desenvolver essa competência?

Acho que nunca tinha parado para pensar nisso. De facto, aquilo que eu faço hoje é ser comunicadora. Mas eu nunca tive uma Educação Formal para ser o que sou. Estudei aqueles anos todos numa escola muito exigente, que é a escola de dança, mas que me limitou imensamente para aquilo que eu viria a ser no futuro. Eu nunca quis ser figura pública, nunca quis ser conhecida e muito menos à frente das câmaras, porque era muito tímida. E quando me disseram, aos 19 anos, para fazer um teste para ser apresentadora e resolvi tentar, porque sou corajosa e curiosa, senti que as limitações estavam precisamente na dança, porque na dança falamos com o corpo e sem voz. De resto, nunca tive aulas de apresentadora, nunca ninguém me ensinou a estar em frente às câmaras – atualmente já há e eu acho bem que haja, mas no meu tempo não havia – e também por isso, a certa altura quis parar e fazer um interregno na minha carreira porque queria ir estudar. Sentia que havia alguma coisa de inato nas minhas capacidades, mas que precisava de estar mais à vontade e foi por isso que fui estudar teatro e cinema. Foi esta mistura entre Educação Formal e não Formal que deu o que sou hoje.



“ Tenho a sorte imensa de ter tido pais que sempre me arrastaram para diversas atividades ”

Tem uma trajetória marcada por um certo ativismo, como Embaixadora da Boa Vontade da ONU, também como fundadora da associação onde estamos a fazer esta entrevista, está envolvida em muitas outras causas. Como despertou para estas causas?

Tenho a sorte imensa de ter tido pais que sempre me arrastaram para diversas atividades. A minha mãe professora do ensino especial, o meu pai jornalista... Eu fui aprendendo muitas vivências que, por vezes, nem sequer estavam estipuladas para a minha idade. Mas eu estava lá. E como uma das minhas maiores características é a curiosidade, eu fui aprendendo e absorvendo muitas dessas realidades por onde os meus pais passavam. Muitas vezes ia com a minha mãe para uma escola de ensino especial, que era a Crinabel, e eu ficava lá. Outras vezes ouvia o meu pai, sobre as suas reportagens. Eu ouvia muito os adultos. Às vezes no meu quarto, ia para a porta ouvir as conversas dos adultos, porque era muito curiosa. Por exemplo, sobre o 25 de Abril, tinha muita curiosidade. Eu tinha consciência de que havia gente muito diferente daquela que encontrava na escola. Através das reportagens do meu pai, eu percebia que havia pessoas que viviam de forma muito diferente, muitos deles sem direito a irem à escola. Assim como na escola da minha mãe havia pessoas muito diferentes. E isso fez-me interessar por essas pessoas e pelas causas de pessoas que tinham oportunidades diferentes. Por isso comecei, aos nove anos, a fazer voluntariado na Crinabel e nas minhas férias de verão a ocupar-me, investindo nessas pessoas especiais. Apercebi-me, numa dessas férias, que o preconceito e a discriminação tinham níveis altíssimos, quando uma pessoa na praia tratou mal o meu amigo Tó, que tem trissomia 21, e me pediu para o tirar do pé dela. Para mim foi muito chocante e eu aos 9 anos cuspi-lhe na cara... A partir daí fui tentando, não através da Educação Formal, mas através da Educação não Formal, dominar a área dos direitos humanos.

E hoje é embaixadora...

Quando nos inclinamos para as coisas, elas aparecem. Nada previa que eu recebesse há quase 24 anos este convite das Nações Unidas. Mal eu sabia que aquela carta do Secretário-Geral Kofi Annan me iria empurrar e forçar para estudar ainda mais estas áreas.



**“Percebo que sozinhos
não somos ninguém, mas
que podemos semear nos
outros a urgência de fazer”**

Um compromisso destes por 24 anos não é comum...

Eu sou a única, no mundo inteiro com esta longevidade no seu mandato. É um mandato voluntário, reconduzido de cinco em cinco anos. Já passei por três ex-Secretários-Gerais e vários diretores da minha agência das Nações Unidas. Isto não é uma medalha para pôr ao peito. Mas não deixo de sentir um certo



orgulho, porque isto representa a enorme convicção que tenho de que é possível mudar o mundo. Acredito que pequenas ações fazem grandes milagres. Percebo que sozinhos não somos ninguém, mas que podemos semear nos outros a urgência de fazer. E isso ensina-se, como se ensina a empatia. E tudo isso faz com que as minhas ações enquanto embaixadora da boa vontade tenham frutos.

Isso é importante porque interpreta a sua ação enquanto embaixadora nessa dimensão educativa. Não está em causa apenas a educação de jovens, mas a sensibilização de toda uma comunidade.

Os embaixadores destas agências da ONU são figuras públicas com notoriedade e credibilidade nos seus países e que usam a sua visibilidade e convicção ativista nos países em desenvolvimento. No entanto, nestes anos todos, eu dou por mim a ter que explicar a muitas pessoas dos países desenvolvidos, incluindo o nosso país, o bê-á-bá dos direitos humanos, da solidariedade, da caridade. A solidariedade é algo que se promove de forma vertical e não horizontal. Todas estas questões não são ainda claras para muitas pessoas. Eu sou confrontada por quem fez muitos cursos na Educação Formal, mas que não consegue aceitar os outros, ser tolerante e tudo aquilo que nos faz crescer. Ou seja, são pessoas que têm uma definição de sucesso muito limitativa, que tem a ver com o dinheiro que fazem ou a progressão de carreira. E não com aquilo que deixam como rasto da sua pegada no mundo. Para mim, a quantidade de vidas que uma pessoa consegue mudar, é a medida certa para medir o sucesso que temos na vida. Portanto, dou por mim a falar com pessoas que são muito instruídas, mas que não dominam nada bem as questões dos direitos humanos. Assim como em países em desenvolvimento – como a Guiné, por quem tenho muito carinho, mas posso falar do Haiti, Sudão do Sul, São Tomé, Moçambique, Timor-Leste, Bangladesh, Líbano... – dou por mim a falar com pessoas cujas mentalidades têm urgentemente de ser mudadas. Podemos respeitar tradições, mas temos de ser capazes de respeitar os direitos humanos e de fazer essa sensibilização. E falando, explicando as coisas, consegue-se.

Então a Catarina é mesmo uma das nossas, uma agente da Educação não Formal, muitas vezes junto também de decisores políticos, ou não?

Sim, muitas vezes tenho reuniões com os senhores presidentes e com os senhores ministros... [risos] agora vou-lhe contar os meus segredos. Onde é que vou buscar os meus truques? Vamos fazer de conta que o Luís é um ministro da saúde num desses países em que as mulheres, para dar à luz, têm de caminhar vinte quilómetros a pé, debaixo de sol e calor intenso, por exemplo em África, para chegarem a um centro de saúde onde, eventualmente poderá haver condições para se fazer um parto. São países onde as mortalidades maternas e infantis são gigantes. Então qual é o meu papel à sua frente? Em primeiro lugar tenho de ter humildade, porque, por eu vir de um país desenvolvido não posso querer saber mais do que um ministro. Então tenho que falar consigo: “peço desculpa, senhor ministro, por estar aqui a falar consigo, mas eu acabo de fazer a pé o caminho que aquelas mães fazem e é impossível. O senhor ministro quer vir comigo, vamos lá os dois a pé, andar os 20 quilómetros?”. Estas estratégias, que têm muitas vezes resultado, onde as fui buscar? À Educação não Formal.

“Acho sempre que há coisas piores. A relativização é uma grande solução para os meus problemas”

Corações Com Coroa é a associação onde estamos a ter esta conversa. O que a motivou a criar este projeto, que percurso já fizeram e o que ainda falta fazer?

Não querendo aqui fazer um ricochete, mas fazendo, na sua profissão, o que o Luís mais gosta de fazer?

O que mais gosto é de transformar realidades e deixar um impacto positivo no mundo. E tenho tido a felicidade de estar em lugares que me têm permitido dar o meu contributo...

E o que sente dentro de si aqui dentro?

Há aqui uma dimensão altruísta nesta vontade de participar, mas há também uma dimensão egoísta para obter satisfação ao fazer parte dessa transformação. Mas já me está a entrevistar e a ideia era a contrária [risos].

Eu cada vez que penso na segunda parte da sua resposta, que é o egoísmo para nos sentirmos bem, deixei de responder há uns três ou quatro anos. Agora fico-me pela primeira. O que acontece dentro de mim é uma satisfação gigante, as dificuldades são imensas, as burocracias tornam tudo muito difícil, mas cada vez que eu vejo alguma mulher que diz “eu já não preciso de vocês, obrigada, vou-me embora”, ou alguma jovem que acabou o curso superior com uma das nossas bolsas – já demos 35 – nos diz “já estou formada e o primeiro ordenado que tiver darei uma parte à Corações Com Coroa”, aquilo que acontece dentro de mim eu não sei explicar. Portanto, eu só acredito que conseguimos fazer coisas de jeito se elas tiverem um impacto emocional dentro de nós. Paixão. Eu não acredito que a razão, sozinha, possa funcionar. É este encontro entre a paixão e a razão que me faz ter convicções. Eu sou apaixonada por mudar a vida das pessoas. Sou apaixonada por colocar os meus privilégios, a vida boa que tenho, fruto de muito trabalho, mas também de alguma sorte, ao serviço dos outros. É para



mim um vício ajudar alguém a separar o trigo do joio, sair do lodo. Já não respondo que é egoísmo, é uma decisão e uma escolha de vida. E Corações Com Coroa (foi a minha filha que lhe deu este nome), é também uma opção. Queremos ou não colocar uma coroa no coração? Eu decidi colocar a minha.

Mas a intervenção na coisa pública também provoca desilusões e frustrações. Como lida com essas circunstâncias?

Cada vez lido melhor com essas frustrações, porque já percebi que elas existem. Eu sou muito otimista e ainda bem. E no início pensava que era tudo muito mais fácil. Dominava menos e achava que iria ser tudo muito mais ágil. E também achava que os seres humanos são compostos por uma maioria de ingredientes bons e uma minoria de ingredientes maus. Hoje penso mais ou menos o mesmo. Mas já sei que neste trajeto vou encontrando deceções e pessoas malformadas e pessoas mentirosas. Antigamente não achava que elas existissem. Portanto, hoje vou muito mais preparada e a desilusão é menor. E lido achando sempre que há coisas piores. A relativização é uma grande solução para os meus problemas. Eu penso assim: poderia ter sido pior, portanto, como encontramos a solução. No início deste projeto, ouvia-se muito na equipa, “mas isso é impossível”. Eu agora já ensinei as pessoas, perante os problemas, a perguntar: “mas então como vamos fazer?”.

E é com otimismo ou com pessimismo que vê os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para 2030?

Eu sabia que me ia perguntar isso... Eu já vim de trabalhar os ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milénio e já passei para os ODS. Na verdade, os ODM deixaram muita coisa por cumprir e por isso se criaram os ODS. Eu não posso ser

hipócrita e dizer que estamos muito bem. Não estamos nada bem, ainda por cima com duas guerras em cima que fizeram retroceder em muito os níveis que atingimos há uns tempos. A pandemia também foi o descalabro para muitas das medidas dos ODS. Ou seja, aqui ou ali estávamos a fazer progressos e a pandemia empurrou para baixo muitos dos objetivos. As guerras também. O que eu sinto é que, apesar de estarmos muito longe de cumprir os objetivos que tínhamos para 2030 – até para podermos ter medidas eficazes – convém olharmos para trás e perceber o que resultou e o que não resultou. Há muitas medidas quer dos ODM quer dos ODS que já resultaram. Portanto, a questão tem muitas vezes, muito mais a ver com a vontade política, com sentido de compromisso sério, do que com “aí o mundo está perdido”. Há muitas coisas imprevisíveis outras menos. As guerras, mais ou menos, sabíamos que podiam acontecer. O que me dizem os objetivos, os que correm bem, é onde vale a pena investir. O problema maior é que normalmente não se investe no sítio certo, ou seja, na erradicação da pobreza. E eu tenho muitos exemplos do terreno nesses países que visitei. Se investirmos seriamente na igualdade de género – quando digo igualdade de género, digo obviamente saúde sexual e reprodutiva, porque estamos a falar da qualidade de vida das mulheres e do número de filhos que têm – se investirmos na educação e na saúde das mulheres, efetivamente há uma repercussão em muitos dos ODS. Na pandemia, o que aconteceu e foi vergonhoso, é que foi necessário alocar fundos para combater o COVID-19, claro que sim, mas onde foram cortar? Nas áreas da igualdade de género. E é muito cansativo continuar a ter de explicar que quando promovemos a igualdade de género estamos a promover a qualidade de vida de todos os cidadãos no mundo inteiro. E isto eu tenho de explicar aos homens, porque são eles, em maioria, os decisores políticos. E isto é com muita pena que digo, pois os estudos demonstram estes resultados.

“

A pandemia foi o descalabro para muitas das medidas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU

”

Ainda assim, os ODS criam um marco referencial que comprometem os agentes políticos, nem que seja para os responsabilizar...

Certo, eu estou muito de acordo com os ODS. Agora vou dizer uma coisa politicamente incorreta: eu sou muito apologista de metas porque isso compromete. E metas que são assinadas por todos, ainda mais. O compromisso que os ODS trouxeram – e nós assinámos, estamos lá – é um compromisso muito sério. Mas temos que torná-los importantes e se houvesse vigilância rigorosa, como acontece com os objetivos financeiros, e uma penalização para quem não os cumprisse, talvez os elevássemos à sua real dimensão. Assim como acho que os ODS deveriam estar traduzidos e mastigados desde muito cedo nas escolas. O compromisso tem de vir de uma cidadania ativa que diz respeito a todos e começa mal nascemos. Todos nós temos responsabilidades no cumprimento desses ODS.

“Na escola, é mais fácil fazer cábulas para chegar aos 100%, do que ter alguém que pense”

Em Portugal sente que a escola está aberta a iniciativas educativas diversas que não estejam estritamente ligadas aos currículos?

Eu gosto muito de dar palestras nas escolas. Guardo dias na minha agenda para ir sobretudo às escolas secundárias para falar destas questões. Tenho centenas de convites de norte a sul do país para as fazer. Quando vou tenho a oportunidade de falar, mas também de ouvir. E tenho dois filhos adolescentes, um no ensino privado e a minha filha no ensino público. O que penso é que estamos muito aquém do ensino que deveríamos ter. Quem sou eu para falar disto, mas já o disse a ministros da educação. Acho que a nossa escola está muito datada. Tem um ensino muito arcaico, obsoleto, tem muita competição – que nem acho mal que se promova, mas de uma forma saudável. Mas é mais fácil fazer cábulas para chegar aos 100%, do que ter alguém que pense. Precisamos de sentido crítico, com base em fundamentos de estudo, de leitura. Mas os miúdos, hoje em dia, não têm sequer espaço para ter o seu pensamento. Por outro lado, faço uma ressalva dos muitos magníficos professores que pensam assim, “isto não está na matéria, mas eu vou cá chamar uma pessoa para nos falar de empatia”. Mas esses estão espartilhados.





A escola tem então de se abrir?

Tem, mas também compreendo que eles próprios, os professores, mesmo esses especiais, têm pouco tempo e espaço para pensar e fazer diferente, entre burocracias e obrigações. E, portanto, não há espaço para a partilha, para os miúdos falarem. Os miúdos estão ávidos para falarem. E depois queixamo-nos que eles ficam automatizados pelos telemóveis. Temos de assumir que isso faz parte das novas gerações, mas que é importante eles terem lá dentro o espírito crítico e a informação para poderem separar o que interessa ou não nas redes sociais, por exemplo.

Quem são as personalidades referenciais para a Catarina Furtado?

As minhas referências são as mulheres, centenas, que em 24 anos conheci e que conseguiram ultrapassar as dificuldades da vida. Porque é possível fazê-lo. Quando me dizem que é impossível eu digo: “let’s do it”.

E que sonhos tem por cumprir?

Imensos...

PERFIL

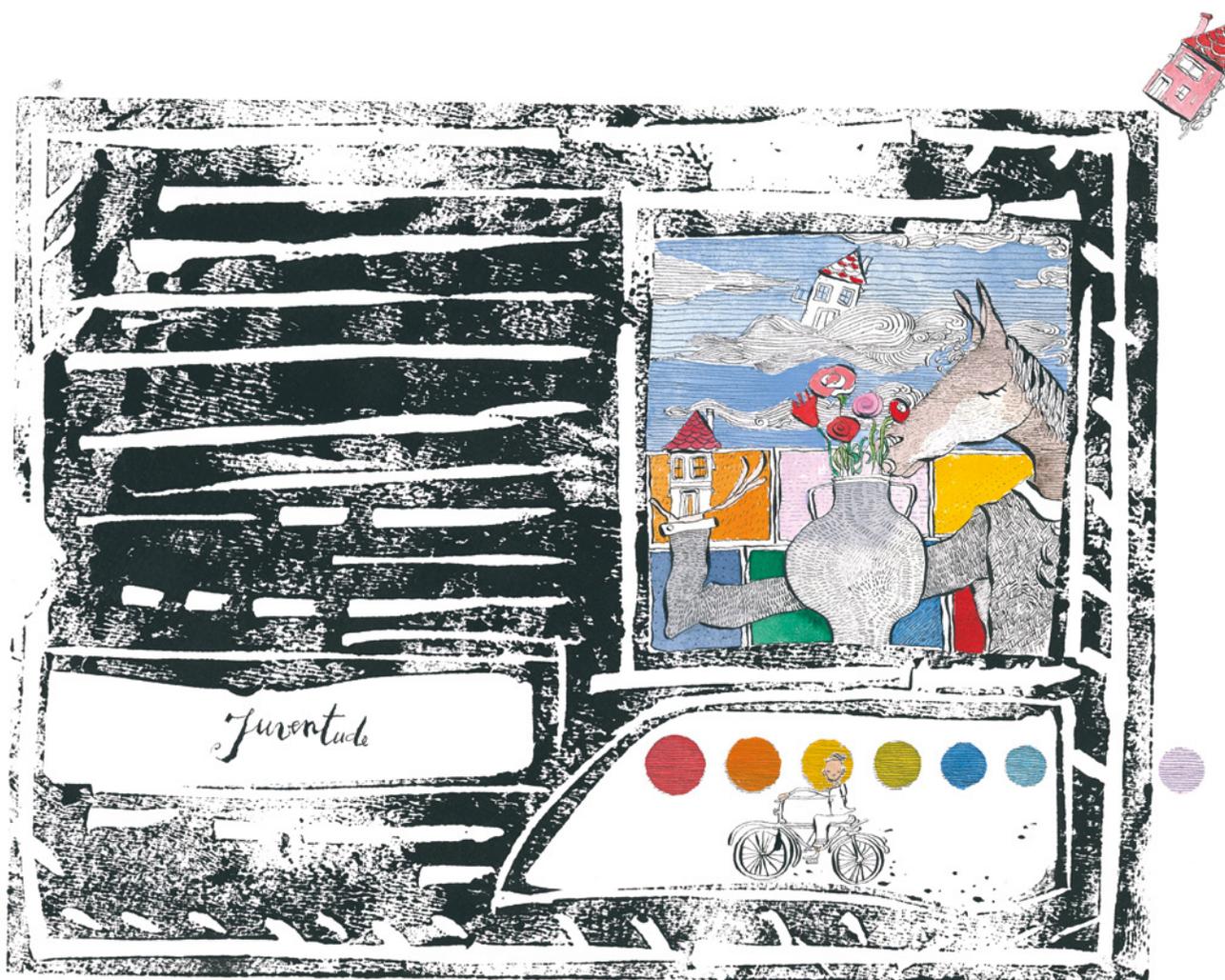
Catarina Furtado

Nasceu em Lisboa em 1972. É filha do conhecido jornalista Joaquim Furtado, e da professora Helena Furtado. Estudou na Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa ao mesmo tempo que frequentava o ensino regular no Liceu Passos Manuel. A sua carreira dividiu-se como apresentadora de TV, atriz, autora e documentarista. É Embaixadora de Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População, desde 2000. Tem sido a oradora convidada na Apresentação Pública do Relatório sobre o Estado da População Mundial, na Assembleia da República e Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em 2012 fundou a Associação Corações Com Coroa, da qual é presidente. Em 2005 foi condecorada Comendadora na Ordem de Mérito, pelo Presidente da República Jorge Sampaio. Em 2010 foi oradora na Cimeira do Milénio em Nova Iorque, convidada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon. É coautora de três temporadas da série documental na RTP1 “Príncipes do Nada” e também de quatro documentários “Dar Vida Sem Morrer” na Guiné-Bissau. Como apresentadora de TV deu a cara por programas na SIC e RTP, como “The Voice”, “É Urgente o Amor” e foi apresentadora do Eurofestival da Canção, para uma audiência mundial de mais de 150 milhões de pessoas. Em 2022 foi considerada pela Marktest a pessoa mais credível para dar a cara por campanhas de sensibilização social. Ao longo da sua carreira tem também abraçado diversos projetos como atriz e foi autora de contos infantis e letras de canções.

O

UVI DIZER...

Gil Nunes
Escritor



Um puzzle infinito. Onde o complemento se veste em tons de permanente diamante e o suplente é solúvel no copo do insignificante. Novo mundo. Holístico: em todo o lado essa palavra repetida ao expoente da loucura. Ora amarga, ora doce. Para nos lembrarmos que a juventude é uma doença quando nela julgamos ver a nossa cura.

Ou então uma saída para a cura. Penso logo sorrio. Sorrio logo erro. Não-formais, recebemos o erro. O êxito a pedalar. Percebemos que as falhas são, na realidade, etapas camufladas. E o abraço ao erro permite que o mesmo se transforme em verdade, sendo que depois o nada passa a ser verdade. E vice-versa. Descomplicamos. Substituímos. O abraço ao erro transforma-se em abraço ao conhecimento. Ondulante. Sereno. Transversal. Arco-íris.

Do azul da bricolage ao violeta da participação jovem. O amarelo da culinária polvilhado com o laranja dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Em verde sinfonia. Ou no anil dos direitos humanos em novelo com o vermelho da gestão familiar. Janela aberta para se receber todo um mundo de cores sem hierarquias. Sem patamares. Onde os jeans do decisor político se cruzam com a fina seda do jovem skater buliçoso. Conversas à capela. Sem filtros. Para nos lembrarmos que a formalidade é uma doença. Aquele espaço. Onde muitos julgam ver a sua cura.

Na pedalada do êxito, a estrada nem sempre é uniforme. Ou melhor, é sempre sorridentemente sinuosa. Loucos ou certos pouco interessa: somos adversários das retas pardacentas. E, em todo o lado, essa palavra repetida ao expoente da loucura: resiliência. A sopa da educação não formal é de curta duração mas os ingredientes que dela constam são abundantes. As iniciativas isoladas tendem a lentamente cair no caldeirão do tempo, a não ser que os técnicos de juventude assumam as rédeas da cozinha. Sopas, às vezes, sem água. De pedra. Mas com a profunda imaginação de quem sabe sair fora da “caixa” e, dos confins da prateleira, sacar o condimento secreto que provoca a magia. O plim-plim. A chuva de sabores. Para usufruto e entusiasmo de todos os jovens que, a partir desse momento, passam a falar a mesma linguagem que nós. Ou então nós falamos a deles. Vice-Versa. Verdade. Verdade.

E os arco-íris podem, afinal, brotar da imensidão monótona do azul dos céus. Afinal de contas, o palco tem atores de todas as cores. Vindos de todo o lado. Pensando de uma forma ou de outra. Pensando aos círculos. Todos certos e errados. Uma máxima: portas dos camarins sempre abertas: vem tu! E traz um amigo também! Porque o amanhã é sempre longe demais. Em palco seremos sempre um hoje em que as tuas ideias contam e fazem efetivamente a diferença. Conosco, a tua voz nunca será um grito surdo que alguém tenta calar.

Só sei que nada sei. Só sei que, nalguns casos, não vou por aí. Ou também não vou por aí. Porque, no dia que se seguiu à participação de um jovem, nesse mesmo dia seguinte ninguém morreu. Todos viveram. No imaginário de um condomínio onde a natureza se faz e se cria. E ferozmente se recicla. E também se transforma. Sem deixar ninguém para trás. Onde tudo se perde no eco do vento. Onde todos podem ser jovens na abolição unânime das alfândegas do tempo.

Sento-me aqui neste arco-íris nunca vazio e relembro. A luz jovial entra pela varanda e ilumina uma jarra de flores sobre a mesa. Na mesa. Numa mesa-redonda onde todos são os seus cavaleiros. E cabeça forte como os cavalos. A nossa cabeça: única, autêntica e maravilhosa nas suas imperfeições e no talento que desponta em cada um de nós. Porque da participação jovem nos fazemos sociedade. Da sociedade nos fazemos democracia. Até que chegamos àquele ponto em que tudo se constrói e nada se desconstrói. Com paredes pintadas a vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Nas casas, nos carros, nas pontes, nas ruas. Essa palavra repetida ao expoente da loucura. Alguém escreveu juventude em toda a parte.

I N T E R N A C I O N A L

U

CRÂNIA:

EDUCAR DEBAIXO DE FOGO

Com escolas fechadas, população deslocada e financiamento alocado à guerra, às vítimas e à saúde, a Ucrânia pena por apoio aos seus processos de Educação não Formal. A Blink foi descobrir um país que não se rende e que teima em viver o dia a dia com charme, contra os canhões.



Na Ucrânia, desde fevereiro de 2022, foram destruídas 375 escolas e outras quatro mil seriamente danificadas, devido à guerra. Em consequência dos ataques russos, 6,2 milhões de pessoas deslocaram-se internamente e as Nações Unidas estimavam que mais de 3,5 milhões de crianças tenham "níveis de necessidades graves a catastróficos". Segundo a mesma organização, cerca de 75% dos pais declararam que os seus filhos apresentavam sintomas de trauma psicológico, com memórias afetadas, períodos de atenção mais curtos e uma menor capacidade de aprendizagem. Foi neste cenário que a Blink foi à Ucrânia, procurar projetos de Educação não Formal e perceber como pode a União Europeia ajudar no processo.

Quando em fevereiro de 2022 o país foi invadido por uma das maiores potências militares do mundo, as escolas fecharam. A prioridade era defender a soberania, as pessoas, as infra-estruturas e evitar que o regime de Putin tomasse a capital. A forma como as instituições reagiram, mas sobretudo como o povo ucraniano resistiu, mas também as ajudas que vieram da União Europeia, dos Estados Unidos e de outros países, permitiram defender Kiev e evitar o colapso e a perda de soberania. Mas as feridas foram inevitáveis e continuam a ser marcadas. A região do Donbass e outras partes da Ucrânia foram violentamente ocupadas, provocando grandes migrações. Mais de dois milhões de ucranianos, muitos deles crianças, saíram do país. As escolas, ainda a recuperarem de dois anos de pandemia, foram das primeiras vítimas da disrupção e ano e meio após o início da intervenção, alguns ciclos de ensino ainda se encontravam encerrados.



Mais de quatro mil escolas estão danificadas por bombardeamentos russos, 375 foram completamente destruídas e diariamente há ameaças de bombas

A Blink visitou, em junho de 2023, cidades como Kiev, Zhytomyr e Lviv, onde já muitos dos níveis de ensino tinham sido retomados, mas alguns continuavam encerrados e muitas crianças mantinham-se em casa a serem educadas por meios alternativos. A partir de setembro de 2023, todos os alunos da Ucrânia não ocupada tinham voltado à escola, mas as condições estavam longe de serem as ideais.

A Blink visitou uma das escolas destruídas por um míssil de cruzeiro, a 3 de março de 2022, na cidade de Zhytomyr. O grande edifício, bem no centro da cidade, mesmo ao lado de outros edifícios públicos, como o teatro ou a administração local, ficou completamente inutilizado até hoje. Zhytomyr é uma cidade industrial situada a meio caminho entre a capital Kiev e a fronteira com a Polónia. Com 266 mil habitantes, antes do início da guerra, tornou-se num centro logístico importante para a defesa do país, pois é por ali que muita da ajuda militar chega da Europa, sobretudo por comboio. É, em consequência, um alvo preferencial dos bombardeamentos russos.

A cidade está também ligada à indústria aeroespacial e foi ali que nasceu Sergei Pavlovich Korolyov, o engenheiro que projetou os foguetões da era soviética e que dá nome ao mais importante museu do Oblast de Zhytomyr.

O Museu está repleto de cápsulas espaciais, foguetões, instrumentos e mostra como foi dura e complexa a conquista do espaço quando, durante a Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputavam a todo o custo essa corrida.

A escola destruída é um dos marcos de Zhytomyr, mas nenhuma esquina se esquece da ameaça, com barreiras antitanque, trincheiras construídas por sacos de areia e janelas protegidas

Ao contrário de cidades como Lviv ou Kiev, Zhytomyr é uma cidade sem grande modernidade, onde o transporte público se faz em velhos “tróleis” dos anos 60 e onde a população apresenta uma idade mais elevada do que vimos noutras urbes ucranianas e está muito marcada pela guerra. A escola destruída é um dos marcos da cidade, mas nenhuma esquina se esquece da ameaça, com barreiras antitanque, trincheiras construídas por sacos de areia e janelas protegidas por película ou mesmo madeira. Zhytomyr parece estar, em cada minuto, à espera de soldados inimigos e nunca nos deixa esquecer disso.

Como se calcula, nestas condições, um museu não tem os seus clientes habituais. Não há turistas, não vêm missões académicas de fora estudar os artefactos cosmonáuticos que guarda, e não há intercâmbios. A nossa visita foi a primeira de estrangeiros em dois anos ao grande pavilhão que, cheio de história, ecoava sem gente.



Zhytomyr

está sempre preparada para receber e combater os tanques russos. É impossível viver sem senti-lo em todas as esquinas da cidade.

Não admira que o Museu estivesse vazio e que fossemos dos primeiros estrangeiros a visitá-lo em muitos meses. Na parte final da visita, contudo, um grupo de crianças do primeiro ciclo de ensino, iniciava uma visita com alegria. Era a Educação não Formal a substituir a escola.

Mas a visita ao Sergei Pavlovich Korolyov Museum of Cosmonautics era apenas o começo de uma lição que Zhytomyr nos haveria de dar. Afinal, a cidade, que está geminada com a portuguesa Famalicão, fervilhava de projetos de Educação não Formal, muitos criados já em tempo de guerra e das oportunidades que esta também proporciona. Outros, já existentes, estavam adaptados às novas circunstâncias por gente cheia de vontade e coragem para fazer.

ZHYTOMYR

A PENSAR NO PÓS GUERRA

É o caso da Nataliia Tarasenko, que lidera a ZHOMGO “Parity”/ Zhytomyr Youth ONG, organização de juventude não governamental ucraniana que visa a paridade de género. Criada em 2012, a Associação adaptou-se às condições de guerra que o país vive atualmente e onde a Educação não Formal é um dos seus mais importantes instrumentos.

“A nossa organização é uma ONG que procura promover a paridade e trabalha há mais de 11 anos em assuntos relacionados com o género e com a igualdade de oportunidades. O nosso foco, neste momento, é o mercado de trabalho e as oportunidades que são dadas a rapazes e raparigas.”, começou por nos contar Nataliia.



O Liceu N° 25

foi destruído por um míssil russo e constitui uma das mais dolorosas chagas da cidade que fica a 150 km de Kiev.

“Sempre trabalhamos com os jovens, mas estamos também muito interessados em contactar com os responsáveis pelas políticas de juventude, nomeadamente com os municípios. Aqui em Zhytomyr temos trabalhado bastante com a Câmara Municipal em projetos orientados para o género e para o trabalho em comunidade”, afirma a responsável pela organização.

Confirmámos que assim era na visita à Câmara Municipal, onde a Blink falou com os responsáveis políticos e percebeu a enorme vontade de colaborar e receber ajuda das organizações não governamentais para colmatar a disrupção provocada pela guerra, quer no mercado de trabalho quer no setor da educação.

Os jovens que contactámos confirmam a importância da Educação não Formal e do trabalho destas associações, sobretudo numa cidade como Zhytomyr. Uma jovem ucraniana que participava num encontro entre 40 associações juvenis da cidade e o diretor nacional, Luís Alves, sobre Educação não Formal no âmbito do programa Erasmus+, contou-nos que a cidade se sente “entalada” entre a fronteira e Kiev. “Somos uma cidade pequena, quando comparada com Lviv ou Kiev. E nós estamos no meio. Toda a gente passa por aqui, mas raramente a cidade é considerada, por exemplo, para eventos como este ou culturais. É raro haver aqui qualquer coisa que dê nas vistas fora de portas. Mas quando há, os jovens aparecem entusiasmados e participam”, refere.

E de facto, Zhytomyr parece-se em tudo com uma cidade da ex-União Soviética, nos anos 60 ou 70, tanto na arquitetura como na austeridade visível. E, assim, não admira que as questões de género também estejam presentes.

“Temos na nossa sociedade jovens e menos jovens com deficiências permanentes, por causa da guerra, mas também muitas viúvas, pois são os homens quem mais vão para a frente de batalha”

Em Kiev, o dia a dia é vivido com naturalidade. Mas as sirenes e os avisos nos telemóveis, recordam diariamente a iminência de ataques aéreos



Regressando à conversa com a responsável pela ZHOMGO, confirma-nos que atualmente é muito importante ter esse enfoque no género e manter o tema presente nas políticas de juventude. “Tendo em conta o contexto em que vivemos, criam-se grandes desigualdades nas questões de género. Foi necessário definir novos grupos-alvo da nossa atuação. Temos na nossa sociedade jovens e menos jovens com deficiências permanentes, por causa da guerra, mas temos também muitas viúvas, muitas jovens viúvas, pois são os homens quem mais vão para a frente de batalha. Isso provoca problemas específicos que procuramos abordar através da Educação não Formal”, conta Natália.

A responsável explica ainda que, por experiência própria, pode “garantir que a Educação não Formal oferece oportunidades únicas para responder rapidamente aos desafios atuais. Através dela podemos dar competências adequadas e conhecimentos,

em especial aos jovens, para que eles se possam sentir confortáveis nas condições que o país hoje lhes oferece”.

Mas o discurso dos responsáveis políticos em Zhytomyr não se confina à situação atual. Quer no Município quer no espírito das ONGs há vontade de olhar para o pós-guerra. “Estamos também a pensar nesse período, pois é muito importante que as pessoas estejam capacitadas para o trabalho e possam adaptar-se rapidamente a novas realidades. Os jovens precisam de adquirir novas habilidades e competências para participarem na recuperação e reconstrução da Ucrânia”, afirma a dirigente da ZHOMGO.

K IEV

DA AMEAÇA LATENTE À VONTADE DE SEGUIR EM FRENTE

A capital do país tem poucas marcas públicas da guerra, quase fingendo, no seu dia a dia, que ela não existe. Mas o perigo está lá e as feridas provocadas no processo de Educação Formal de uma geração, também.



Quando a Blink chegou a Kiev a cidade era diariamente atacada por mísseis e drones há mais de dois meses. Mas nos dois primeiros dias que passámos na cidade, fomos poupados ao medo. Ao contrário da imagem criada pela comunicação social, Kiev vive os seus dias com uma estranha normalidade, uma enorme dinâmica social, alguma alegria e uma incrível capacidade para manter tudo a funcionar.

Num fim de semana de sol em que a temperatura ultrapassava os 30 graus, os ucranianos estavam na rua, desfrutando a cidade, os seus extraordinários e bem tratados jardins, as praias das margens do rio Dniepre e as charmosas esplanadas das grandes e imponentes avenidas, onde ainda sobra muita da arquitetura brutalista soviética, mas onde a contemporaneidade está por todo o lado.

Embora o nível de vida médio seja inferior ao dos países da União Europeia e um ordenado de um professor ronde os 300 euros, tudo é muito mais barato e não falta nada nas prateleiras dos supermercados, nem nas montras das centenas de lojas de luxo que decoram as principais artérias da cidade.

Os passeios limpos e amplos das ruas de Kiev, onde a administração local não deixa durar qualquer vestígio de bombardeamentos, os jovens são o denominador comum. Há uma nova geração que desfruta em permanência o espaço público, o que espelha uma população com uma média de idades bastante baixa quando comparada com outras capitais europeias e, sobretudo, quando comparada com Lisboa.

Em Kiev há mais mulheres do que homens nas ruas. Muitas mais, sobretudo na faixa dos 20 aos 40 anos

Quase nos distraímos da ameaça e da brutal situação que o país atravessa. Fora da Praça Maidan, onde a Ucrânia deu um grito de liberdade e independência em 2014, às custas do sangue de muitos jovens que enfrentaram o poder cúmplice com Moscovo, Kiev quer viver quase sem sinais e símbolos que a recordem. Não há uma proliferação esperada de bandeiras ou manifestações de patriotismo na maior parte dos bairros e espaços públicos. Mas um olhar mais atento revela as feridas marcadas na sociedade e até na demografia. Há mais mulheres do que homens nas ruas. Muitas mais, sobretudo na faixa dos 20 aos 40 anos, em que a presença masculina é muito escassa. E há uma certa tristeza nos olhares das jovens e belas ucranianas que se passeiam em grupos de duas ou três.

Uma farda masculina do exército aqui e outra ali, quebram essa anormalidade. No domingo era Dia do Pai na Ucrânia. Na verdade, também na Rússia e talvez por isso as sirenes estivessem caladas. Na Casa dos Ucranianos (um centro de artes da cidade, rebatizado depois de ter nascido com o nome de Casa Lenine), inaugurava-se uma exposição de artistas ucranianos, muitos deles jovens, onde a guerra e os seus impactos eram tema.

Uma exposição

sobre a guerra num centro de exposições em Kiev recebeu a visita quase só de mulheres.



Aqui, ainda mais, o público era quase exclusivamente feminino. Rostos fechados, lágrimas de raiva nos rostos de jovens mulheres solitárias. Os quadros que espelhavam o sangue e a brutalidade da guerra eram apreciados demoradamente. A arte, muitas vezes resultado também de processos de Educação não Formal de jovens artistas ucranianos, pode reavivar as feridas, mas ajuda a curar a saudade, o luto e desesperança. Afinal, se Kiev tenta fingir, na rua, que a guerra não existe, ela está mais presente do que parece.



A presença de tanques e lançadores de mísseis russos no centro de Kiev pode chocar a maior parte dos europeus, mas ali parece natural.

Numa das principais praças da cidade, na extremidade de uma larga avenida que une duas das mais importantes igrejas ortodoxas de Kiev (uma delas património da UNESCO), encontramos mais um brutal sinal da agressão, que se transforma também no menos formal processo de educação que encontramos.

Tanques de guerra, peças de artilharia, camiões do exército russo jazem aos olhos de todos. São peças destruídas, queimadas durante as terríveis batalhas de Irpin, de Bucha ou de Mariupol. A cor do fogo nas suas blindagens, o cheiro que exala do interior onde soldados russos morreram às mãos da brava defesa ucraniana, os canhões agora inúteis voltados ao céu, interpelam-nos. E o exército ucraniano sabe disso e usa estes “troféus” para fazer pedidos de ajuda financeira.

Pais e mães dão-lhe outra utilidade. São frequentes famílias com filhos de tenra idade passeando-se entre estas peças. Se nos parece surrealista e é, na verdade é também uma espécie de processo de Educação não Formal e de motivação para a necessidade de defender o país do brutal agressor. Um contexto difícil de entender a um europeu que nasceu e viveu numa ambiente de paz supostamente garantida, mas que encerra uma certa naturalidade num país marcado por invasões, ocupações e agressões.

E se a demografia, a arte, os tanques e as fardas não fossem suficientes para nos lembrar da situação em que estamos, ao fim de dois dias e duas noites, as sirenes iriam ajudar. Realmente, a noite em Kiev é muito diferente do dia. Os excelentes restaurantes da cidade, cheios de charme, simpatia e boa cozinha, começam por dar o mote quando nos apressam e se apressam para encerrar às 22 horas. Nessa altura, manda a Lei Marcial que tudo esteja encerrado, luzes, portas... tudo.

Pais e mães mostram tanques russos destruídos às crianças. É uma espécie de processo de Educação não Formal e de motivação para a necessidade de defender a Ucrânia da brutal agressão russa

O recolher obrigatório é à meia-noite, criando, entre o encerramento do comércio e restauração e as zero horas, um lapso de tempo estranho. Desde que o sol se põe e até ao recolher obrigatório, os passeios das grandes avenidas enchem-se com pequenas festas improvisadas, com música em colunas portáteis, garrafas de vodka e uma frenética alegria possível. Pensando bem, estes jovens que ali desfrutam as poucas horas de noite em que se podem juntar, não sabem qual é o futuro, mas também não têm passado.

Pensando bem, um jovem ucraniano com 18 anos, enquanto espera que o chamem a pegar numa AK-47 para defender o seu país, nunca foi a uma discoteca noite fora, depois de dois anos da pandemia que o atingiu aos 14 e da guerra que o castrou aos 16. A hora mais estranha de Kiev é, contudo, a última do dia. Antes da meia-noite, é preciso chegar a casa, fechar a porta, porque na rua ninguém, mesmo ninguém, pode circular.

Mas também porque é normalmente à noite que gritam as sirenes, anunciando ataques aéreos. Mas na guerra do século XXI, antes das sirenes, gritam os telemóveis. Foi uma App que os ucranianos nos instalaram nos nossos telemóveis, que avisou bem alto e disparou uma luz vermelha no ecrã, aconselhando: “proceed immediately to a shelter”, “Kiev is under air strike”.

A capital da Ucrânia está a pouco mais de 120 km da Bielorrússia e a menos de 200 da Rússia, está muito próxima de Chernobyl e não está longe de Zaporizhzhya, onde existem ameaças nucleares. E partilha o mesmo rio Dniepre, onde durante o dia os ucranianos fazem praia em plena Kiev. Ou seja, a capital está ao alcance de grandes riscos e, na noite de segunda-feira, a Blink experimentou todos os tons da ameaça, após o lançamento de 35 drones ou mísseis para a capital e para outras cidades em todo o país, como Lviv ou Zhytomyr, também no nosso trajeto.

A ideia é poder estar debaixo da terra em menos de três minutos, o tempo que um míssil hipersónico demora a viajar entre a Rússia e Kiev

A ideia dos avisos na App e das sirenes é poder encaminhar-nos para debaixo da terra em cerca de três minutos, o tempo que um míssil hipersónico demora a viajar entre a Rússia e Kiev, e permanecer lá até que a App nos dê luz verde. E o que é um abrigo? O maior de todos é o do Metropolitano de Kiev, o mais profundo do Mundo e um dos mais antigos. Mas pode ser uma cave, por vezes especialmente adaptada à função de bunker.

No nosso hotel, a rotina leva-nos à subcave onde antes da guerra era o ginásio. A enorme unidade hoteleira, situada ao lado do Estádio Olímpico de Kiev, parecia-nos uma excelente e exposta parede para ser atingida por um projétil russo. Mas verdadeiramente sentimos que a hipótese não era académica, quando os funcionários (as funcionárias, melhor dizendo) se refugiaram ainda mais rapidamente do que nós. De resto, o enorme hotel estava praticamente vazio. Além da Blink tinha como clientes apenas mais uma dezena de funcionários da UNICEF.

A espera, de horas, é acompanhada com a consulta online de um site, onde nos mostram que regiões estão sob ataque, qual o nível da ameaça e onde foram detonados artefactos.

E tudo isto nos leva a meditar sobre que condições têm trabalhadores, estudantes, líderes de instituições para, no dia seguinte, às 7 da manhã, quando as sirenes se calarem, fazer de conta que não passaram a noite em branco e cumprir, todos, as suas funções. Extraordinariamente, cumprem.

PROGRAMA ERASMUS+ LEVADO A KIEV POR PORTUGAL

A saúde mental dos ucranianos e em particular dos jovens ucranianos é, talvez por tudo isso, uma das maiores preocupações que encontramos nas administrações dos Oblast de Kiev e Lviv. Oblast são regiões e as administrações são os governos dessas regiões e que, na Ucrânia, têm um poder político e executivo muito importante, nomeadamente no que se refere à educação.

Não admira, por isso, que tenham recebido o diretor da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade, que a Blink acompanhou na sua visita a Kiev, com especial interesse.

Em Kiev, visitas ao Conservatório de Música Tchaikovsky, situado mesmo ao lado da Praça Maidan, mas também encontros com o Ministro-Adjunto da Juventude e Desporto e com numerosas associações de juventude por este convocadas para um encontro, mostraram que essa é uma preocupação transversal à sociedade ucraniana e que a Educação não Formal, apoiada pelo programa Erasmus+, pode fazer a diferença.

A saúde mental dos jovens ucranianos é, talvez, uma das maiores preocupações que encontramos nas administrações dos Oblast de Kiev e Lviv.



Na Ucrânia há muitas mulheres jovens sozinhas. Umhas perderam os seus companheiros ou irmãos, outras esperam o seu regresso da frente de guerra.

Aos encontros de Luís Alves na Ucrânia seguiu-se, uma semana mais tarde, um webinar realizado a partir de Portugal e que ajudou a abrir ainda mais portas à cooperação com aquele país. Resultado da cooperação com o Escritório Ucraniano para o Erasmus+ e os Ministérios Ucranianos da Juventude e Desporto, bem como da Educação e Ciência, durante 2 dias centenas de participantes ucranianos e de mais 70 nacionalidades diferentes avançaram conjuntamente no sentido de materializarem projetos e parcerias já nos rounds seguintes de candidaturas.

Leia online o relatório da missão do diretor da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade na Ucrânia.



L VIV:

CHARME EM TEMPO DE GUERRA

Se Kiev exala charme, como Paris, mesmo em tempo de guerra, o que dizer de Lviv, uma extraordinária cidade, com mais de um milhão de habitantes, que se aproxima muito da fronteira com a Polónia, na região de Cracóvia.

Lviv já foi, aliás, uma cidade polaca, daí ainda perdurar a designação Lvov. Não se estranha, pois, que Lviv seja também uma cidade sui generis em termos sociais. Desde logo porque é predominantemente católica, contrastando com a Ucrânia esmagadoramente ortodoxa.

Outra característica da cidade é a sua relação com a cultura e com a arte. O primeiro livro da Ucrânia foi lá feito e a referência a poetas, filósofos, pensadores e escritores, como Taras Shevchenko ou muitos outros, é constante. A arquitetura da cidade denuncia nobreza, charme e até alguma opulência do passado.





Lviv é católica,
ao contrário do resto do país, que é ortodoxo. Apesar de estar longe da frente de guerra, as suas igrejas estão carregadas de dor.

Se Kiev tem muita gente e muita juventude nas ruas, Lviv é um fervilhar de beleza, animação e charme. As ruas estão cheias, os recantos são encantados por namorados, as esplanadas, nas suas amplas praças, cheiram bem e os jardins, compostos com ringues desportivos, estão repletos de jovens atletas. E há muitas pequenas feiras de velharias, discos vinil e sobretudo livros.

Parece impossível que dois dias antes a cidade tenha também estado sob ataque de drones russos, como nos descreveu uma professora da Universidade Católica durante a visita que fizemos àquele estabelecimento de ensino. Se Kiev está mais protegida pelo escudo de antiaéreas norte-americanas que fomos descobrindo dissimuladas em lugares improváveis, isso não é tão evidente noutras cidades, onde os sistemas de defesa são mais rudimentares.

Na Universidade, o espaço de convívio dos alunos foi transformado em bunker e foi onde pernотaram, dois dias antes, vários docentes e alunos, como a professora que nos guiou. “Ouvíamos os drones que pareciam mosquitos e os tiros das antiaéreas a apenas 400 metros daqui”, contou assustada. Em Lviv muitas das casas não têm cave e o transporte faz-se à superfície. “Quando há alertas de ataque, pego no meu filho de sete anos e refugio-me aqui no abrigo da Universidade”, explicou.

A educação, nestas circunstâncias, é difícil, seja ela formal ou não formal. Conforme nos contaram na Universidade Católica, os alunos estão isentos de ir à guerra, obrigatória para todos os homens entre os 27 e os 60 anos. Mas, mesmo assim, são muitas as mulheres que se alistam voluntariamente, bem como rapazes que, sendo universitários, poderiam evitar ir para a frente.

Os homens até aos 60 anos não podem sair do país e essa é uma limitação muito grande para a formação académica e para a Educação não Formal

Apesar da distância de Lviv à frente de guerra, no Donbass, e apesar da dispensa aos estudantes universitários, uma docente confessou-nos: “já me morreram 15 alunos e isso cria feridas tremendas no processo de educação e de formação. São os amigos que ficam para trás, estudos que ficam a meio, namoradas viúvas aos 20 anos, amigos que acumulam raiva e que se culpam pelo amigo que foi, enquanto eles ficaram”.

Neste quadro, os processos de Educação não Formal são por isso considerados fundamentais pela direção da Universidade, mas também eles muitas vezes dificultados pela guerra. A Universidade Católica da Ucrânia estimula os seus alunos a participarem em intercâmbios e em iniciativas de caráter social e, antes da guerra, cerca de 70% dos seus alunos tinham atividades paralelas de Educação não Formal, que ajudavam a complementar a académica. Mas muitos deles não podem hoje continuar essas atividades, em especial aquelas que implicam deslocações, sobretudo, deslocações ao estrangeiro.

Os homens ucranianos até aos 60 anos não podem sair do país e essa é uma limitação muito grande para a formação complementar, quer de jovens quer de docentes e adultos, que se veem privados de ir a seminários, encontros e intercâmbios, mas também das visitas de colegas estrangeiros.



Os jovens ucranianos
tentam encontrar, na disrupção, alguma normalidade e em Lviv não falta charme.

UM PESADELO CHAMADO MOBILIDADE

Na verdade, Lviv nem é das cidades mais prejudicadas em termos de mobilidade, pela sua proximidade à Polónia. Sem voos em todo o território, a única forma de viajar na Ucrânia e para fora do país é de carro ou de comboio. Deslocar-se de carro, como constatou a Blink que percorreu a autoestrada entre Kiev e Zhytomyr, é possível, mas tem limitações. A meio do percurso, uma grande obra atrasava o trânsito, depois de um míssil russo ter destruído a via, que então estava a ser reparada. E depois há os checkpoints, onde o exército pode mandar parar e revistar viaturas.

Entre Varsóvia e Kiev são 21 horas de comboio. Um mergulho profundo no desconhecido em condições muito precárias

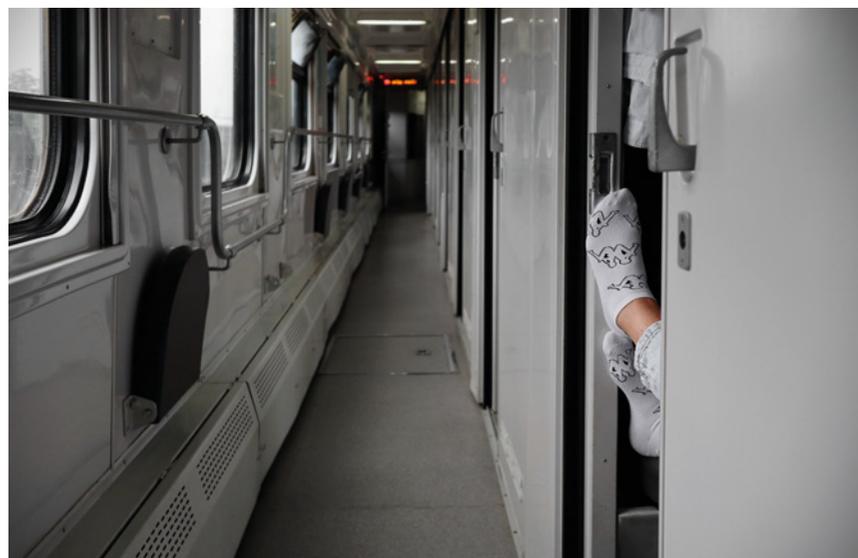
De carro, a passagem da fronteira entre a Polónia e a Ucrânia pode incluir uma espera de mais de 24 horas, pelo que não é uma boa solução. O comboio, apesar de tudo, acaba por ser a melhor forma de viajar. A Blink não foi exceção e, tal como chefes de estado ou o Secretário-Geral da ONU, usou os mesmos comboios azuis que todos usam para chegar a Kiev.

A nossa primeira viagem começou em Varsóvia, na Polónia, para terminar 21 horas depois na imponente estação central da capital da Ucrânia. Pelo meio, o transbordo em Chelm, uma pequena cidade fronteiriça polaca. A partir daí, é o desconhecido. O velho comboio-cama parece especialmente pesado e mais pesado fica à medida que mergulha na noite ucraniana,

Em cada cabine, de insonorização inexistente e climatização precária, quatro exíguas camas, duas sobre outras duas e o convívio forçado com desconhecidos. Um casal (coisa rara, num comboio cheio de mulheres que regressam a casa depois de ano de meio de asilo), viajou connosco. Ele era atleta de karaté, um dos melhores da Ucrânia, ostentava um troféu conquistado em Tóquio. Regressava a casa, depois de ter recebido do Governo uma autorização especial para poder viajar.

Ihor Kostliarevskiy tinha uma missão, para além de praticar o desporto de que gosta, queria angariar, no Japão, fundos para ajudar os soldados que estão na frente de guerra e para desenvolver projetos de Educação não Formal para os filhos dos soldados, privados de escola, através do desporto.

Os velhos comboios ucranianos parecem imunes ao risco dos bombardeamentos russos, mas a viagem é carregada de sombras e medos.



Tal como o clube de karaté de Ihor, as ONGs ucranianas debatem-se hoje com graves problemas financeiros e precisam ser criativas para manter os seus projetos de Educação não Formal vivos, pois todo o dinheiro, que anteriormente o estado aplicava nos seus programas, é hoje canalizado para o esforço de guerra e para o sistema de saúde. O fundraising internacional é, por isso, muitas vezes, o que resta para manter vivos esses projetos.

Andriy Chesnokov, Ministro Adjunto da Juventude e Desporto da Ucrânia, confirmou-nos isso mesmo em Kiev, admitindo que os projetos do seu ministério passaram a ter de ser muito mais criativos, face aos cortes orçamentais a que foram sujeitos. O governante reconheceu à Blink que “a abordagem assumida pela Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade portuguesa foi muito criativa e inteligente”, e que é uma via para mitigar o subfinanciamento: “construir uma plataforma para a comunicação futura pode ser um exemplo muito interessante para o desenvolvimento sustentável do setor da Educação não Formal na Ucrânia”, afirmou.

“Estive dois meses em coma e quando acordei tinha um pé desfeito. Vamos ver se recupero e se posso voltar a trabalhar”

Para quem entra é o desconhecido nessa primeira viagem até Kiev. Mas as restantes deslocações também não são fáceis. Entre Zhytomyr e Lviv foram 13 horas de lenta viagem, numa linha já várias vezes bombardeada e muito muito barulhenta.

A companhia foi, contudo, diferente. Na cabine, além da Blink, um casal com uma filha. Ela, mãe estremada e preocupada com a pequena loirinha que tossia e aparentava febre. Ele, fardado, exibindo uma teia de ferros e ferrinhos que lhe trespassavam o pé e tornozelo engessados. “Venho de uma cirurgia para tentar salvar a perna”, contou-nos. Meses antes, este bravo soldado ucraniano tinha pisado uma mina. “Estive dois meses em coma e quando acordei tinha um pé desfeito. Vamos ver se recupero, pois tenho uma família para sustentar e não sei se poderei voltar a trabalhar”, completou. A requalificação profissional de uma geração mutilada, num país que é hoje o maior campo de minas do mundo, é um desafio que parece inultrapassável.

A ajuda que a Europa pode dar, no campo da Educação não Formal e na criação de novas oportunidades para estas vítimas, é fundamental.

O nosso companheiro de viagem era também o exemplo vivo da necessidade de dedicar fundos públicos à guerra, ao apoio às suas vítimas e à saúde. Nem que isso tenha que acontecer às custas do desporto, da escola ou de outros processos de Educação não Formal que, afinal, são mais necessários do que nunca. A viagem de comboio mais curta realizada pela Blink acabou por ser a ligação entre Lviv e Rzeszów (Polónia) e depois a Cracóvia, já num comboio do Século XXI e não nos velhos azuis e amarelos ucranianos. Menos horas num comboio mais normal sabem bem, mas levantam outras questões. Sobretudo quando, ainda em Lviv, o comboio foi invadido por muitos soldados ucranianos. Se à entrada do país tudo é mais demorado, mas mais calmo, com soldados (sobretudo mulheres) a recolher os passaportes um a um

em cada cabine para depois devolverem com um sorriso irónico por verem portugueses irem em direção à guerra de que eles querem fugir, à saída, tudo é mais tenso.

Aos gritos, atrás de Kalashnikovs carregadas e dedo no gatilho, o exército ucraniano quer garantir que dali nada que não deva vai sair do país. Os soldados ficam sempre particularmente nervosos quando veem homens de meia-idade, como era o nosso caso, a caminho da fronteira com a Polónia. Falando em ucraniano, só o cano da AK-47 se faz entender, para mandar abrir uma mala ou para pedir, de novo, o passaporte.

“Portugalia???? Ok!”. Afinal, a Ucrânia, percebeu bem que quem se sujeita a mergulhar no seu território, na procura de levar apoio para projetos de Educação não Formal, só pode vir por bem e sair, apesar de tudo, com saudades do que fica para trás.



O pós-guerra está no pensamento dos que sobreviveram aos combates, mas perderam capacidades e precisam de alternativas profissionais.

Jovens jornalistas da Europa



Integrada na Eurodesk, a Bolsa de Jovens Jornalistas da Europa foi criada no âmbito do Ano Europeu da Juventude (2022) com o objetivo de criar podcasts, escrever artigos e produzir vídeos com informação fidedigna para os jovens. Seleccionados de diferentes países da UE, o novo grupo de Jovens jornalistas da Europa (edição de 2024) foi a Bruxelas para a sua primeira reunião, realizada entre 11 e 15 de fevereiro. O grupo mostrou-se motivado para desenvolver as suas capacidades de escrita e para se dirigir corretamente aos jovens na Europa com textos cativantes. A Eurodesk é uma rede europeia de informação para jovens criada em 1990. Enquanto organização de apoio ao Erasmus+, a Eurodesk torna a informação sobre mobilidade para aprendizagem abrangente e acessível aos jovens e àqueles que trabalham com eles.

Dia Internacional da Educação



O Dia Internacional da Educação comemorou-se a 24 de janeiro e foi proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2018, com o objetivo de destacar o papel da educação para a paz e o desenvolvimento. Em 2024, as comemorações assinaladas pela UNESCO tiveram como tema "Aprender para uma paz duradoura" enaltecendo o papel crucial que a educação desempenha para promover a paz e a harmonia. A par com a Educação Formal, também a Educação não Formal desempenha um papel significativo na promoção da paz e da compreensão através da promoção da tolerância e do respeito pela diversidade.

AGORA EU reuniu centenas em Lisboa



Além dos Encontros e Eventos Anuais de Beneficiários dos Programas Erasmus+ Juventude e Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade, o AGORA EU foi uma iniciativa que decorreu em dois dias, em dezembro de 2023 e juntou milhares de educadores, gestores e jovens em Lisboa. O evento contou com momentos de dinâmicas one-to-one com os diretores da agência e com os gestores de projetos, com o Encontro de Multiplicadores Eurodesk, com o Encontro de Jovens Embaixadores #DiscoverEU e com atividades para voluntários do Corpo Europeu de Solidariedade. No mesmo âmbito, os participantes puderam assistir à Conferência Democracia: Juventude em Ação. Várias Organizações Não Governamentais e Jovens estiveram também reunidos em grupos de trabalho e puderam assistir a painéis como os "Caminhos e espaços de participação jovem: do local ao global", "Youth // Democracy // Future: Philanthropy's role in empowering democracy" e "Da teoria à prática: Juventude em Ação". A sessão de encerramento contou com a presença de Sua Excelência O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. A Conferência Democracia: Juventude em Ação foi uma parceria entre a Agência Nacional Erasmus+ Juventude/ Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Observatório Permanente da Juventude (ICS-ULisboa), a Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal e a Representação da Comissão Europeia em Portugal. Contou também com o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República.

Boas Práticas do Corpo Europeu de Solidariedade premiadas



Integrado no programa do AGORA EU, e aproveitando as comemorações, a 5 de dezembro, do Dia Internacional do Voluntariado, a Agência Nacional Erasmus+ J/D e CES entregou, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, os Prémios Boas Práticas do Corpo Europeu de Solidariedade. A cerimónia contou com a apresentação de Catarina Furtado e com as atuações musicais de Irma, Tiago Nacarato, Ana Bacalhau e Tatanka. Os Prémios Boas Práticas são um reconhecimento público às organizações beneficiárias do programa Corpo Europeu de Solidariedade.

Webinar pela Ucrânia



Coorganizado entre a Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e CES e pelo Gabinete Nacional Erasmus+ da Ucrânia, realizou-se em 2023 o “EFFY - Erasmus+ Future Focused Youth Webinar”, que teve como objetivo fomentar a colaboração para a construção de parcerias renovadas para a cooperação europeia, e especial com a Ucrânia. As sessões informativas e os debates ficaram ainda marcados por momentos culturais que trouxeram sonoridades da Ucrânia, a apresentação de informação e boas práticas sobre a ação Erasmus+ KA2 e partilha sobre a realidade das organizações de juventude ucranianas. A sessão de encerramento contou com a presença do diretor da Agência Nacional

Erasmus+ Juventude/Desporto e CES, Luís Alves, e da representante do Ministério da Educação e Ciência da Ucrânia, Oleksandra Husak. Andriy Chesnokov, o Ministro-Adjunto da Juventude e Desporto da Ucrânia, foi outro dos participantes, tendo-se deslocado a Lisboa, especialmente para o efeito.

Partilha de experiências em voluntariado



A paixão pelo voluntariado tem agora um espaço privilegiado na rede social Facebook, onde é possível a partilha sobre o tema. O espaço é também usado para divulgar as mais recentes e excitantes oportunidades de voluntariado. A partilha é gerida pelo Corpo Europeu de Solidariedade e os utilizadores são estimulados a partilhar a sua experiência, a contactar com organizações que acolhem projetos ou, simplesmente, a pedir conselhos sobre voluntariado ou a formular perguntas sobre o assunto. O grupo é privado mas pode ser descoberto através do qr code.



UBUNTU: UMA FILOSOFIA, UMA ACADEMIA OU UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL?

Ubuntu é uma academia de formação de formadores, que parte de uma filosofia inspirada em personalidades como Mandela ou Luther King, mas é sobretudo um programa de Educação não Formal, com uma história para contar, em Portugal e no Mundo, e que, pela sua persistência e dimensão, pode ajudar a explicar o interesse deste tipo de educação assim como as suas potencialidades.



A Blink foi descobrir o Ubuntu, lançado pelo Instituto Padre António Vieira que, por ser inovador e estar testado em diversos contextos nacionais e internacionais e nos vários ciclos formativos – básico, secundário e superior –, já oferece um conjunto de referenciais que nos dão pistas consolidadas sobre os caminhos que a Educação não Formal pode tomar noutros contextos.

O Ubuntu partiu da criação, há mais de uma década, de uma Academia de Líderes e dela resultou o Ubuntu Escolas, que impacta, durante uma semana, a comunidade escolar de estabelecimentos de Ensino Formal ao nível do ensino básico e secundário e que tem depois seguimento ao nível do ensino superior. Este programa baseia-se numa metodologia com impactos importantes no incremento de competências socioemocionais, como o autoconhecimento, autoconfiança, resiliência e empatia, fundamentais no combate ao bullying e ao insucesso escolar. Mas que tem como último eixo, o serviço.

Os seus métodos estão reconhecidos pelas Academias Gulbenkian do Conhecimento, e têm certificação DGERT – Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho, para formadores. São também reconhecidos pela União Europeia, como uma prática de referência para o trabalho com jovens.

O programa, que desenvolve as competências socioemocionais e relacionais, promove o sucesso educativo, através do desenvolvimento das competências e “atitudes Ubuntu”: a educação para a cidadania, baseada numa ética do cuidado e uma cultura de gestão e resolução de conflitos estimulada pela capacidade de construir pontes. Está direcionado para a capacitação de jovens e é desenvolvido a partir do modelo de liderança servidora. As suas inspirações remetem para figuras como as de Nelson Mandela, Martin Luther King ou Malala.



466/64:

o número de prisioneiro de Nelson Mandela nunca é esquecido no programa Ubuntu.

AS ORIGENS AFRICANAS DE UM PROGRAMA “MADE IN PORTUGAL”.

Na verdade, o termo “Ubuntu” refere-se a uma filosofia de origem africana que se traduz na expressão “Eu Sou porque tu És”, na valorização da interdependência e da solidariedade. Inspirada por estes valores, a Academia visa desenvolver e promover as competências pessoais, sociais e cívicas dos participantes, contribuindo para a sua transformação em agentes de mudança ao serviço da comunidade, ajudando a construir uma sociedade mais justa e solidária.

Só no ano letivo passado (2022/23), as “semanas Ubuntu” impactaram 112.269 alunos 5.310 educadores, em 414 estabelecimentos escolares em Portugal. Os inquéritos promovidos posteriormente junto dos jovens participantes, revelaram que 67% dos alunos revelaram sentir-se “mais resilientes”, 39% “mais empáticos”, 54% diziam ter um conhecimento de si próprios melhor e 70% afirmavam acreditarem mais nos seus talentos e qualidades.

Rui Marques,
tem liderado a Academia Ubuntu.

Uma aluna da Escola Secundária de Montemor-o-Novo, que recebeu o programa entre 21 e 25 de fevereiro de 2022, testemunhou que “a semana foi muito boa e cheia de emoções. Foi algo que me tocou profundamente, pois saí daqui uma pessoa diferente que vê uma série de coisas de uma perspetiva nova”.

Mas o Ubuntu não tem apenas esse impacto sobre os jovens, alvo final do programa. Teresa André, uma professora também envolvida na mesma Semana, referiu que “foi incrível, pois deu-me a oportunidade de me conhecer enquanto pessoa e de ver os meus alunos de uma outra perspetiva. Foi a melhor prenda que podia dar aos meus alunos. Tenho a certeza de que levam ferramentas para aplicarem nas suas vidas e fazerem a diferença nas vidas de quem se cruza com eles”.

O programa tem sido liderado por Rui Marques, conhecido pela sua intervenção social, pela fundação da Revista Fórum Estudante e, sobretudo, pela Missão Timor que envolveu, nos anos 90, uma desafiadora viagem de barco até ao território de Timor-Leste, então ocupado pela Indonésia, e Pedro Amaro Santos, diretor-adjunto do programa no Instituto Padre António Vieira, tem sido um dos principais impulsionadores.

Natural da Trofa, Pedro tem 31 anos e frequentou a Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Em 2016, em plena crise de refugiados esteve, enquanto voluntário, na Grécia e quando voltou entendeu essa missão como “um ponto de partida”. Desde aí tem mantido atividade no acolhimento de pessoas migrantes e refugiadas em Portugal e abraçou, ao serviço do Instituto Padre António Vieira, o projeto Ubuntu, de que nos falou.

“Hoje, o projeto tem muitas declinações, muitos formatos. Mas consiste essencialmente em três aspetos: a formação de formadores, de onde parte sempre o nosso método; implementação da formação junto de crianças e jovens, que é intensiva e em cinco dias, e, finalmente, a criação de Clubes Ubuntu ou Círculos Ubuntu, para os mais crescidos, no âmbito do Ensino Superior, para follow-up e acompanhamento”, explica.



Pedro Amaro Santos
encontrou no Instituto Padre António Vieira
um designio chamado Ubuntu.



ESPALHAR PELO MUNDO, TORNANDO OS FORMADORES AUTÓNOMOS

Para Pedro, “a nossa ideia da formação de formadores, através do que chamamos a Academia Ubuntu, é tornar os educadores autónomos e poderem desenvolver o programa na nossa ausência, continuando a estimular os seus pilares e valores”.

Os círculos destinados aos alunos mais velhos são adaptados às diferentes comunidades. “Vamos alimentando com sugestões de atividades e dinâmicas, para manter os valores vivos e os grupos a funcionar”, revela.

Mas o Ubuntu não se desenvolve apenas em Portugal, onde está em mais de 400 escolas. “Já temos cerca de cinco mil formadores em todo o mundo, entre professores ligados ao contexto escolar e a organizações juvenis”, esclarece Pedro Amaro Santos, acrescentando que a presença se dá hoje em 20 países, em África, Europa, América Latina e Ásia: “já tivemos participantes de 190 países, nos nossos programas”, revela.

Realmente, este programa “made in Portugal” está espalhado pelo mundo, tendo escritórios no Quênia, Zimbabué e na Colômbia, bem como delegações regionais em vários pontos do globo.

Na Europa, o Ubuntu tem as suas maiores expressões em Portugal, Espanha e Alemanha, mas o diretor adjunto revela que está a ser preparada a expansão para a Áustria e que o programa já esteve na Grécia e na Bélgica. Na América Latina, está no Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru e México. Em África, onde tem uma grande expressão e está a fonte inspiradora, está em países como África do Sul, Zimbabué, Moçambique, Quênia, Uganda, Sudão do Sul, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Senegal e Guiné-Bissau. Na Ásia, tem presença em Timor-Leste, Filipinas e no Camboja. “Estes são os países onde temos programas mais presenciais, mas atingimos outras latitudes através de formações online”, diz Pedro.

A utilização dos meios digitais é, aliás, uma novidade para o programa Ubuntu, que nasceu presencial. “Pensávamos que o Ubuntu teria sempre de ser desenvolvido presencialmente. Era essa a ideia e fundamento. Pensávamos que a presença pessoal, o abraço, eram fatores decisivos para formar e transformar. E foi assim durante muito tempo”, revela Pedro Amaro Santos, adiantando que “a pandemia veio-nos mostrar que não tinha de ser assim. Fomos forçados a fazer essa transição digital e percebemos que podíamos atingir muitos mais alvos com os meios digitais e transformar mais o mundo. O digital ficou depois da pandemia”, revela.

Mas o que se aprende na Academia Ubuntu, ou seja, na sua componente de formação de formadores? “Nós tentamos constituir-nos como uma escola para estas três competências: líderes servidores, construtores de pontes e cuidadores. Os líderes servidores são pessoas capazes de servirem as suas comunidades; os construtores de pontes são indivíduos criadores de relações e promotores da paz. Os cuidadores deverão ser capazes de promover uma ética de cuidado, de si próprios, das pessoas à sua volta e do planeta”, explica.



A

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA ESCOLA



O Ubuntu

é uma forma de levar a Educação não Formal às escolas e transformar a experiência educativa de milhares de jovens.

Mas está a escola formal, nos primeiros níveis de ensino, preparada para receber a Educação não Formal? Pedro Amaro Santos diz que sim, mas acrescenta que “houve um caminho trilhado. Há 3 anos trabalhávamos com um universo de 50 escolas, que já era muito significativo. Agora demos o salto para mais de 400, porque o sistema entendeu que uma abordagem dentro desta área era válida e importante para a formação dos alunos”. O responsável refere-se ao acolhimento dado pelo Ministério da Educação de Portugal: “enquanto estávamos com menos de 100 escolas, íamos desbravando caminho e batendo a muitas portas. E íamos recebendo todo o tipo de respostas. Muitas vezes não entendiam o que estávamos a pedir. O que pedíamos era disponibilidade dos educadores para abraçarem o projeto e pedíamos também uma semana sem aulas, o que é ainda uma coisa bastante estranha para algumas das nossas escolas. Portanto, houve aqui um processo de fazer escola e explicar que não se tratava de promover mais uns joguinhos, mas que era um projeto de investimento que poderia alavancar competências”, explica, acrescentando que “já temos escolas em que praticamente todos os alunos já passaram pelo projeto e que sentem já as vantagens da Educação não Formal”.

Pedro cita mesmo um caso de uma escola em Tomar, onde os responsáveis pelo estabelecimento de ensino apelidam o programa de uma forma que considera “bonita”. Eles dizem que “o Ubuntu não é um projeto da Escola, mas sim o programa educativo da Escola”. O responsável pelo programa vê nessa afirmação “um nível de transformação muito grande. Como isto acontece? Com resultados, mas também com um nível de comprometimento por parte do Ministério de Educação”.

Na verdade, o marco transformador foi precisamente o Governo ter deixado de olhar para o Ubuntu como algo que admitia escola a escola para autorizar que, de uma forma geral e nacional, as escolas que quisessem pudessem adotá-lo.

MEDIR RESULTADOS SEM ARROGÂNCIA

As semanas Ubuntu têm um impacto direto nos alunos que recebem a formação, mas também nos formadores. Como já vimos, muito mais de metade dos participantes revela importantes melhorias em aspetos como a resiliência, o melhor conhecimento de si próprios ou a fé nas suas capacidades. E quatro em cada dez sentem-se mais empáticos. Mas será possível ir mais longe nessa medição de resultados? Por exemplo, no desempenho escolar?

Pedro Amaro Santos avisa que “esta área da medição de resultados deve levar-nos a sermos muito cautelosos. Porque são sempre incompletos. Não devemos ser arrogantes. Até porque estamos aqui a falar de competências socioemocionais ou impactos na história de vida. Dito isto, sentimos que há sempre aspetos novos a incorporar. Nomeadamente, estamos interessados em avaliar como pode o Ubuntu incorporar a Educação Formal? Como pode trabalhar temas como o ambiente, ecologia ou eco esperança? Como pode contribuir para a integração de pessoas migrantes no contexto escolar? Interessa-nos sempre explorar estas novas áreas, que podem estar ligadas mais diretamente ao desempenho escolar”, explica o responsável, admitindo que “temos já algumas experiências, porque sentimos que há matéria para explorar esta ligação”.

“Temos aprendido que o Ubuntu é uma espécie de meta identidade, independente da religião ou nacionalidade”, diz Pedro, lembrando a evolução do projeto: “Inicialmente, a experiência da Academia Ubuntu era para jovens descendentes de famílias migrantes da zona de Lisboa; depois avançou para jovens de públicos vulneráveis da zona de Lisboa. Mas depois começou a expandir e começamos a pensar sobre o que é isso de ser vulnerável. Um estudante do interior do país, em que os pais fazem um enorme esforço para o ter a estudar, por exemplo no Porto não será uma pessoa vulnerável? Isto é, não é propriamente um residente num bairro social problemático da zona de Lisboa... Começamos, por isso, a meditar sobre o que era isso de vulnerável. E por isso expandimos para toda a gente que queira”, explica.

Voltando à escola e ao aproveitamento escolar, e continuando a recusar avaliar resultados diretos do programa no aproveitamento escolar, Pedro Amaro Santos sempre vai recordando a excelente experiência que o primeiro ciclo têm proporcionado. “A escola nos primeiros anos permite um seguimento melhor do programa, porque após a semana Ubuntu, tem sido normal os alunos e professores continuarem a explorar o tema durante o ano e sedimentar os seu valores e métodos”.

Uma coisa é certa, a Educação não Formal consegue inserir-se nos programas escolares e contribuir para a formação pessoal e sedimentação de valores, mas também não pode ser demasiado dominada, como explica o mesmo responsável. “Estamos também sempre a aprender. Como na questão digital admitimos que haveria vantagens em incorporá-la, quando antes pensávamos que não, na questão etária aconteceu-nos o mesmo. Estávamos convencidos que ter públicos diversos era interessante e que não deveríamos fechar demasiado, mas que uma disparidade muito grande, por exemplo, a nível etário, era prejudicial, pois provocava dispersão. A realidade do que encontrámos na Alemanha veio mostrar-nos que não. Naquele país apresentaram-nos um público que ia dos 18 aos 70. Pensámos que isso era mau. Mas não. Foi fantástico e acrescentou”, revela.

E essa, na verdade, uma das grandes vantagens da Educação não Formal, a sua plasticidade, adaptabilidade e a capacidade de aprender com as suas próprias experiências.

Outra experiência interessante que fez o Ubuntu aprender consigo próprio foi obtida em Vila Nova de Gaia, no Norte de Portugal, no Centro de Reabilitação Profissional (RPG), onde existe um público muito diversificado, ou porque são pessoas que carregam uma diversidade funcional ao longo de toda a sua vida, e têm necessidade de inserção no mercado de trabalho, ou pessoas que tiveram, a determinada altura das suas vidas, um acidente que lhes provocou deficiência cognitiva ou motora. Algumas dessas pessoas têm problemas funcionais, como por exemplo, deixarem de conseguir ler ou escrever aos 50 anos.

O Ubuntu esteve na instituição há uns anos, adaptando a sua intervenção àquele tipo de público e formando formadores. Os resultados foram excelentes e existe a ideia de que a empregabilidade melhorou. Hoje, a instituição continua a desenvolver o projeto, já de forma autónoma, como querem os responsáveis pela Academia Ubuntu.

E

DUCAÇÃO NÃO FORMAL E OS DIFERENTES CONTEXTOS

Ana Moutas
Investigadora

A Educação não Formal é uma abordagem educacional utilizada no processo de aprendizagem que prima pela sua flexibilidade, informalidade e ausência de uma estrutura rígida. O facto de a Educação não Formal (ENF) ser moldável aos mais diversos contextos torna-a numa ferramenta poderosa no processo de aprendizagem dos seus beneficiários com resultados positivos em diferentes grupos, estruturas e locais.

Da experiência que temos colhido na Psientífica ao longo dos anos, sobretudo no contexto do Centro de Juventude de Águeda, a ENF é o instrumento fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho a nível local.

É através da ENF que colocamos jovens e idosos em atividades intergeracionais a debater temas como a educação, o namoro, o trabalho ou a discriminação. É com a mesma abordagem que colocamos jovens de toda a Europa a identificar problemas, as causas e encontrar soluções para os minimizar nas suas comunidades. É a ENF que nos permite igualmente desenvolver formações para técnicos, de forma a proporcionar práticas que possam impulsionar a sua intervenção na comunidade que os acolhe. É ainda com a ENF que vamos às instituições de ensino, desde o ensino básico ao universitário desenvolver as mais díspares atividades sobre os diversos temas de interesse dos jovens e assim trabalharmos para que estes consigam encontrar soluções para os seus desafios quer individuais quer de grupo/comunidade. A sua complementaridade com a Educação Formal permite aos jovens serem líderes do seu processo de aprendizagem num espaço que se pretende seguro e aberto onde estes podem expor os seus pontos de vista, dúvidas, partilhar conhecimentos e construir soluções, contribuindo assim para um ambiente mais inclusivo, dinâmico, onde os laços comunitários são fortalecidos e a aprendizagem ao longo da vida é incentivada.



Por forma a implementar este movimento transformador contamos com a abertura, confiança e disponibilidade de todos os stakeholders. São as escolas, a universidade, os lares, associações, entre outras entidades do nosso município, liderados à cabeça pela Câmara Municipal de Águeda, que nos permitem chegar a um público-alvo tão alargado e continuar a implementar a mudança. Naturalmente, esta relação foi trabalhada ao longo de anos em que mostramos o trabalho realizado e apresentamos os resultados obtidos, validando deste modo a intervenção através da ENF.

A ENF é de facto poderosa na sua abordagem permitindo que cada um a receba de forma diferente e retire distintas aprendizagens numa mesma sessão, dependendo do nível de envolvimento e disponibilidade de aceitação de cada participante. É ela que nos permite agir localmente para provocar a mudança a nível global, na certeza de que todos aqueles que passam por este processo serão agentes ativos na sua comunidade e estarão mais capazes de contribuir para a melhoria do seu contexto.

Dentro e Fora da Caixa



Dentro e Fora da Caixa: ONG e Escolas Juntas na Educação para a Cidadania | Caminhos e Inspirações é um dos produtos do Projeto Educação para a Cidadania implementado pela Fundação Gonçalo da Silveira e assente em três pilares: parcerias ONG-Escolas; desenvolvimento e avaliação de competências; “a Whole School Approach”. Esta aplicação desenvolve temas como a implementação das estratégias para a educação para a cidadania das escolas (EECE), o ensino-aprendizagem em Educação para a Cidadania; Relação entre escolas e ONG, a participação e relações democráticas em contexto escolar, o desenvolvimento e avaliação de competências em Educação para a Cidadania, a Formação em Educação para a Cidadania e a Concertação e Articulação entre atores na área da Educação para a Cidadania.

Jogo de mesa Entrecomp 4 Youth



No âmbito do projeto Entrecomp 4 Youth, a Federação das Associações Juvenis do Distrito de Braga apresentou um jogo de mesa e um manual de atividades de Educação não Formal. O projeto pode ser acompanhado online e visa fornecer aos animadores juvenis, formadores e facilitadores as ferramentas e os recursos necessários para formar os jovens em competências empreendedoras; aumentar a consciencialização sobre a importância da participação ativa e desenvolver um conjunto de atividades que conectem as 15 competências do Entrecomp a um cidadão engajado.



O vídeo da missão na Ucrânia



A missão da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade portuguesa à Ucrânia decorreu em junho do ano passado, levando o diretor nacional, Luís Alves, a reunir com dezenas de organizações ucranianas que poderão beneficiar de apoio para projetos de Educação não Formal. O vídeo que resume a semana de visita pode ser visto na página de Facebook da agência, onde pode também acompanhar a sua restante atividade.



Blink

 Agência Nacional
Erasmus+ Juventude/Desporto
Corpo Europeu de Solidariedade

www.juventude.pt
www.europasolidaria.pt

